

SAMARA SANTOS ASEVEDO

BOARD REATTACHMENT:

tipologias de degradação e tratamentos de acervos bibliográficos para o caso de charneiras rompidas

Belo Horizonte
2017

SAMARA SANTOS ASEVEDO

BOARD REATTACHMENT:

tipologias de degradação e tratamentos de acervos bibliográficos para o caso de charneiras rompidas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis.

Área: Papel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carina Utsch Terra

Belo Horizonte
2017

Ficha Catalográfica

A994

Asevedo, Samara Santos, 1992-.

Board reattachment : tipologias de degradação e tratamentos de acervos bibliográficos para o caso de charneiras rompidas / Samara Santos Asevedo, 2017.

108f. : il.

Orientadora: Ana Carina Utsch Terra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis.

1. Restauração / acervos bibliográficos. 2. Restauração / pequenos formatos. 3. Encadernação à la Duseuil. I. Terra, Ana Carina Utsch. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD 702.88

SAMARA SANTOS ASEVEDO

BOARD REATTACHMENT:

tipologias de degradação e tratamentos de acervos bibliográficos para o caso de charneiras rompidas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em
Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis
pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ana Carina Utsch Terra
Universidade Federal de Minas Gerais

Mestra Alice Almeida Gontijo
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ser o meu exemplo pessoal de sobrevivência, resistência e persistência.

Aos meus avós, por toda a doçura de seus ensinamentos.

A meu amado Lucas, por todo o apoio, carinho, dedicação, amor e acima de tudo por escolher compartilhar o que é mais precioso dessa vida comigo, o tempo.

Aos meus sogros, por toda a força, incentivo e ajuda.

À Noerli, Gerson (sogro), Nícolas, Alexandre, Roberta, Enzo, Sheila, Helder, família dada pela vida, por todos os momentos de risadas, conversas e amparo essenciais.

Ao amigo Raphael, por provar que distância e amizade são compatíveis.

À Aline Ramos, por todos os conselhos sobre a vida e as longas conversas que me fizeram perder a noção do tempo.

À Heloísa Nascimento, por ser quem é, e aceitar quem sou com leveza, amor e compreensão.

Às saudadetes Camilla Maia, Aline Ferreira e Vivi Sousa, obrigada pelo apoio meninas.

À Beatriz, pela amizade, disposição e ajuda na formatação deste trabalho.

À turma de Lampiôndia, família brasileira encontrada em terras estrangeiras.

À Cabana de caridade São Francisco de Assis, pela acolhida e apoio fundamentais.

À equipe do Projeto Acervo Artístico, pessoas queridas que me fizeram aprender muito.

Aos colegas do curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis, foram muitas trocas de experiência e de afeto, levarei as lembranças comigo para sempre.

Aos professores João Cura, Ana Utsch e Alexandre Leão pelo aprendizado obtido nos diferentes projetos em que atuei nesta instituição.

À Prof.^a Dr.^a Ana Utsch, pela paciência, orientação e o incentivo ministrado para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por todo o aprendizado, desenvolvimento profissional e incentivo.

A toda a equipe da Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG, em especial à coordenadora Diná Marques, pelo excelente atendimento, trabalho e pela concessão das obras que são objeto deste trabalho.

À Diná Marques, por ceder referências bibliográficas que enriqueceram este trabalho.

À Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), pelo o apoio financeiro sem o qual todo esse processo seria inexistente.

À UFMG, por me proporcionar um intercâmbio maravilhoso e tantas outras experiências incríveis que eu jamais pensei que viveria.

RESUMO

Este trabalho apresenta um breve histórico das atividades dos célebres editores Elzevir durante o século XVII. Caracteriza a tipologia das edições Elzevir e as encadernações *à la Duseuil* contextualizando-as histórica e materialmente. Apresenta quatro encadernações inspiradas na tipologia *à la Duseuil*, descrevendo e analisando seu estado de conservação, além de ressaltar a degradação mais recorrente em livros de pequeno formato. Apresenta uma discussão teórica sobre *board reattachment*, demonstrando os métodos de união entre pastas rompidas e o corpo da obra. Por fim, descreve os procedimentos de restauração adotados individualmente para as quatro encadernações.

Palavras-chave: Restauração/acervos bibliográficos. Restauração/pequenos formatos. Encadernação *à la Duseuil*. Elzevir.

ABSTRACT

This work presents a brief history of the activities of the famous publishers Elzevir during the XVII century. It characterizes the typology of Elzevir editions and the bookbindings *à la Duseuil* contextualizing them historically and materially. It presents four bookbindings inspired by the typology *à la Duseuil*, describing and analyzing its state of conservation, besides highlighting the most recurrent deterioration in small format books. It presents a theoretical discussion about board reattachment, demonstrating the methods of union between broken boards and the textblock. Finally, it describes the restoration procedures adopted individually for the four bindings.

Keywords: Restoration/bibliographic collections. Restoration/small formats. Bookbinding *à la Duseuil*. Elzevir.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Coleção Luiz Camilo (séculos XVII e XVIII) - Biblioteca Universitária UFMG. ...36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Impressão de página de rosto realizada por Isaac Elzevir.....	23
Figura 2: Tipologias do formato bibliográfico in-12.....	29
Figura 3: Encadernações <i>à la dentelle</i> e <i>à la fanfare</i>	31
Figura 4: Encadernação <i>à la Duseuil</i>	32
Figura 5: Biblioteca Central UFMG - Entrada	34
Figura 6: Divisão de Coleções Especiais.....	34
Figura 7: La Sagesse: trois livres.....	37
Figura 8: Ex-libris da obra De La Sagesse	37
Figura 9: Obra Tomus secundus. In quo Epistole & Questions naturelles	39
Figura 10: Obra Histoire du Roy Henry Le Grand.....	41
Figura 11: Assinatura do encadernador Hardy Menne.....	42
Figura 12: Obra De Senectute, Dialogus. Somnium Scipionis.	43
Figura 13: Vista frontal da encadernação e detalhes da charneira e do couro solto (<i>De la sagesse</i>).....	46
Figura 14: Vista do verso e detalhe da charneira no verso (<i>De la sagesse</i>).	46
Figura 15: Dorso, corte superior e corte inferior (<i>De la sagesse</i>).	47
Figura 16: Corte lateral e detalhe do cabeceado (<i>De la sagesse</i>).	48
Figura 17: Frontispício solto (<i>De la sagesse</i>).	49
Figura 18: Vista frontal e vista do verso (Sêneca).....	49
Figura 19: Detalhe do rompimento da charneira frontal e detalhe desgaste do couro na charneira do verso (Sêneca).	50
Figura 20: Corte lateral e corte superior (Sêneca).....	50
Figura 21: Vista frontal e detalhe da charneira rompida (<i>Henry le grand</i>).	51
Figura 22: Detalhe do canto da encadernação (<i>Henry le grand</i>).	51
Figura 23: Vista do verso e rompimento da charneira (<i>Henry le grand</i>).	52
Figura 24: Vista do verso e do rompimento da charneira (<i>Henry le grand</i>).	52
Figura 25: Pasta do verso com folha de guarda e folha de guarda do verso manchada e rasgada (<i>Henry le grand</i>).	53
Figura 26: Vista frontal e do detalhe do dorso (Cícero).	53
Figura 27: Vista do verso, detalhe da charneira no verso (Cícero).	54
Figura 28: Dorso, detalhe dos cabeceados e cortes superior e inferior (Cícero).	55
Figura 29: Luva do livro (Cícero).....	55
Figura 30: Procedimento desenvolvido por Carolyn Horton.....	60
Figura 31: Esquema de construção do dorso para o <i>board slotting</i>	62

Figura 32: Máquina Fresadora.....	63
Figura 33: Fenda sendo realizada.....	63
Figura 34: Movimentação do encaixe da pasta	63
Figura 35: Tratamento <i>board slotting</i> finalizado.....	64
Figura 36: <i>Joint tacketing</i> – laçada.....	65
Figura 37: Aberturas realizadas no dorso aderido.....	66
Figura 38: Papel japonês nas laterais das charneiras.....	66
Figura 39: Corpo da obra sendo perfurado.....	67
Figura 40: Laçada realizado na charneira do corpo da obra.....	67
Figura 41: Pontos de sustentação sendo preparados.....	67
Figura 42: Perfurações pontuais nas pastas	68
Figura 43: Passagem dos cordões de união entre pastas e corpo da obra.....	68
Figura 44: Após a colagem do papel japonês	69
Figura 45: Antes da sobreposição do couro	69
Figura 46: Após sobreposição de tira de couro	69
Figura 47: Exemplo de uma extensão dos suportes de costura.	70
Figura 48: Livro com charneira rompida.....	71
Figura 49: Papel japonês tingido e previamente cortado.....	71
Figura 50: Papel japonês aderido externamente à charneira.	71
Figura 51: Aplicação de cera para dissimular o papel japonês	72
Figura 52: Esquema de construção do <i>Split linen flange</i>	73
Figura 53: <i>Pleated paper hinge</i> (dobradiça plissada de papel).	74
Figura 54: <i>Inside cloth hinge</i>	75
Figura 55: Rebacking.	76
Figura 56: Livro preparado para limpeza mecânica.....	77
Figura 57: Álcool etílico.....	78
Figura 58: Limpeza do couro.....	78
Figura 59: Resultado da limpeza nos algodões.	78
Figura 60: Fundo de caderno da folha de guarda com resquícios de cola e papel do frontispício.....	79
Figura 61: Tentativa de remoção à seco com bisturi.....	79
Figura 62: Methylcelulose a 5% e água deionizada	80
Figura 63: Limpeza de resquícios do papel.....	80
Figura 64: Aplicação de papel japonês Kozo 10 grs no fundo de caderno da folha de guarda.	80
Figura 65: Velatura do frontispício	81

Figura 66: Limpeza do local de colagem da aba de papel japonês no dorso.....	82
Figura 67: Colagem do frontispício.....	82
Figura 68: Tratamento dos cantos	83
Figura 69: Tratamento de canto finalizado.....	83
Figura 70: Processo de desgaste do couro do dorso com espátula.	84
Figura 71: Dorso aberto com o material desgastado.	84
Figura 72: Preparo do dorso	84
Figura 73: Couro sendo levantado na charneira inferior	85
Figura 74: Estabilização de dorso e charneiras	85
Figura 75: Preparo e encaixe do papel japonês para as pastas	86
Figura 76: Colagem do papel japonês e suflê.....	86
Figura 77: Cobertura externa com papel japonês	87
Figura 78: Livro após a reintegração cromática e o procedimento realizado.....	88
Figura 79: Consolidação de dorso e charneira.....	89
Figura 80: Procedimentos finais	90
Figura 81: Processo de finalização do livro.....	91
Figura 82: Procedimentos de higienização do couro.....	92
Figura 83: Tamponamento	93
Figura 84: Tamponamento pontual	93
Figura 85: Aplicação de NH ₄ OH.....	94
Figura 86: Velatura	94
Figura 87: Consolidação de cantos	95
Figura 88: Consolidação de áreas delaminadas	95
Figura 89: Bifólio colado na área de encaixe da encadernação.....	96
Figura 90: Teste com papel japonês, do lado direto papel de 10 gramas e do esquerdo, papel de 17 gramas.....	96
Figura 91: Consolidações com papel japonês.....	97
Figura 92: Resultado da reintegração cromática.	97
Figura 93: Limpeza do couro e dorso	98
Figura 94: Remoção de manchas nas guardas do livro	98
Figura 95: Delaminação do couro das pastas para adentrar o papel japonês	99
Figura 96: Livro pronto para secagem.....	99
Figura 97: Desprendimento de charneira e preparo do suflê.....	100
Figura 98: Áreas de couro delaminadas	100
Figura 99: Finalização do livro.....	101

Figura 100: Livro finalizado..... 101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIC	<i>The American Institute for Conservation</i>
BU	Biblioteca Universitária
FUMP	Fundação Universitária Mendes Pimentel
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
Dicolesp	Divisão de Coleções Especiais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OS PRIMEIROS TEMPOS DA DINASTIA ELZEVIR	17
2.1	ATIVIDADES EM LEYDEN, HAGUE E UTRECHT	20
2.1.1	Leyden	21
2.1.2	Hague	24
2.1.3	Utrecht	25
2.2	A OFICINA DE AMSTERDAM.....	26
3	AS EDIÇÕES ELZEVIR.....	28
3.1	AS ENCADERNAÇÕES À LA DUSEUIL	31
4	BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA UFMG E O CORPUS SELECIONADO	34
4.1	DE LA SAGESSE: TROIS LIVRES.....	36
4.1.1	Descrição material do livro.....	37
4.2	SÊNECA: TOMUS SECUNDUS. IN QUO EPISTOLE & QUESTIONS NATURALES.....	38
4.2.1	Descrição material do livro.....	39
4.3	HISTOIRE DU ROY HENRY LE GRAND.....	40
4.3.1	Descrição material do livro.....	41
4.4	DE SENECTUTE, DIALOGUS. SOMNIUM SCIPIOINIS	42
4.4.1	Descrição material do livro.....	43
5	ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO	45
5.1	ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE LA SAGESSE	45
5.2	ESTADO DE CONSERVAÇÃO SÊNECA	49
5.3	ESTADO DE CONSERVAÇÃO HISTOIRE DU ROY HENRY LE GRAND.....	50
5.4	ESTADO DE CONSERVAÇÃO CÍCERO	53
6	BOARD ATTACHMENT – TRATAMENTOS VIGENTES EM CASOS DE CHARNEIRAS ROMPIDAS	57
6.1	METODOLOGIA DESENVOLVIDA POR CAROLYN HORTON.....	59
6.2	BOARD SLOTTING.....	61
6.3	JOINT TACKETING.....	64
6.4	EXTENSÃO DOS SUPORTES DE COSTURA.....	69
6.5	MÉTODO DO PAPEL JAPONÊS DE DON ETHERINGTON.....	70
6.6	MÉTODO DO PAPEL JAPONÊS DE DAVID BROCK.....	72
6.7	PLEATED PAPER HINGE	73

6.8	<i>INSIDE CLOTH HINGE</i>	74
6.9	<i>REBACKING</i>	75
7	INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO	77
7.1	<i>DE LA SAGESSE: TROIS LIVRES</i>	77
7.2	<i>SENECA</i>	88
7.3	<i>HENRY LE GRAND</i>	91
7.4	<i>CICERO</i>	97
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso se debruçou sobre um conjunto de livros do século XVII pertencente à Coleção Luiz Camilo de Oliveira Netto integrada à Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. Trata-se de exemplares representativos do programa textual-visual-editorial colocado em circulação pela dinastia de editores Elzevir.

O objetivo deste trabalho é identificar as características histórico-bibliológicas que rodeiam o *corpus* selecionado, bem como ressaltar as tipologias de degradação inerentes às suas modalidades encadernação, discutindo, consequentemente a tipologia de tratamentos vigentes e propondo intervenções de conservação-restauração.

A contextualização histórico-bibliográfica destes livros permite a consolidação destas obras como conjunto, trazendo unidade intelectual e material a alguns exemplares da Coleção Luiz Camilo.

Por outro lado, por meio da identificação das degradações dos exemplares foi possível elencar as principais questões de ordem material apresentadas por encadernações de pequeno formato, sendo possível, a partir daí, trazer respostas satisfatórias para as intervenções dos livros.

A primeira seção – “Os primeiros tempos da dinastia Elzevir” – procurou fazer um panorama histórico do périplo dos célebres editores Elzevir, até o momento de pleno estabelecimento das atividades editoriais da dinastia.

A segunda seção – “As edições Elzevir” – procura estabelecer as características formais das edições Elzevir, como a tipologia de textos publicados, o formato bibliográfico comum de seus volumes, qualidade tipográfica e caracterização do modelo de encadernação *à la Duseuil*.

A terceira seção – “Biblioteca Universitária UFMG e o *corpus* selecionado” – apresenta uma introdução sobre a Biblioteca Universitária UFMG onde as coleções da Divisão de Coleções Especiais são enumeradas, trazendo a apresentação e a caracterização bibliológica das obras.

A quarta seção – “Análise do estado de conservação” – traz uma descrição formal do estado de conservação das obras, que são apresentadas separadamente, ilustrando as tipologias mais frequentes.

A quinta seção – “*Board attachment: tratamentos vigentes em casos de charneiras rompidas*” – traz um panorama das tipologias de tratamentos utilizados para livros encadernados com charneiras rompidas, propondo uma discussão sobre a pertinência dos métodos.

A sexta seção – “*Intervenções de Conservação-Restauração*” – apresenta as etapas de intervenção nos exemplares, com as devidas justificativas, trazendo imagens que demonstram o desenvolvimento dos procedimentos.

A construção teórico-prática deste trabalho busca, neste momento de finalização do curso de graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis, refletir sobre as ações concernentes à conservação-restauração de livros encadernados e com isso, contribuir para o exercício das funções do profissional conservador-restaurador.

2 OS PRIMEIROS TEMPOS DA DINASTIA ELZEVIR

Fundador da célebre dinastia de editores, Louis Elzevir, atuou inicialmente como livreiro e encadernador. Seu posicionamento religioso como protestante, foi crucial para seu reconhecimento e o crescimento dos estabelecimentos editoriais da família. Apesar de não termos a intenção de desenvolver a história do estabelecimento dessa dinastia, acreditamos ser importante assinalar, mesmo que de forma sucinta, o contexto sócio-político-religioso que impôs um longo périplo à família Elzevir antes do estabelecimento definitivo da sua atividade editorial em Leyden.

Louis Elzevir nasceu em Louvain em 1547 e seu pai, conhecido como “Hans de Louvain”, atuou como impressor. Cidade próspera durante a Idade Média, Louvain foi centro comercial de grande relevância na Holanda até seu declínio, em meados do século XVI. A cidade abrigou uma universidade¹, que entre o final do século XV e início do século XVI foi um grande centro europeu de humanidades, incitando, com isso, para além de uma sociedade letrada, o desenvolvimento da atividade editorial, responsável pelo estabelecimento de Hans e seu filho Louis. Após se casar, aos dezoito anos de idade, Louis, sua mulher e seu pai transferem suas atividades para a Antuérpia, cidade que, na segunda metade do séc. XVI se consolida como centro comercial e intelectual, e promete aos imigrantes melhores condições de vida.

Na opinião de muitos a Universidade de Louvain naquela época havia vivenciado seu apogeu; Erasmus, o apóstolo das letras, e seus famosos contemporâneos estavam mortos há muito tempo. Antuérpia, cidade comercial, ao contrário, provavelmente teve seu ano de maior prosperidade em 1560.²

No contexto da produção do séc. XV, a Antuérpia se destaca como um grande centro do livro, tendo produzido cerca de 2.230 edições entre os anos de 1500 e 1540³; fato que torna compreensível a mudança de Louis Elzevir e sua família para esta grande cidade, pois não competiriam mais em um mercado com demandas centralizadas como ocorreu em Louvain,

¹ A Universidade de Louvain foi fundada em 1425, pelo príncipe Francês Jean de Bourgogne (Jean IV), com o consentimento do papa Martinho V e se tornou a primeira Universidade Católica do mundo. Em Louvain foi redigida em 1519 a primeira censura por parte dos cristãos aos escritos de Lutero. (VON ZUBEN, 2015).

² *In the opinion of many the University of Louvain by that date had passed its zenith; Erasmus, the apostle of good letters, and his famous contemporaries had been long dead. Antwerp, chief commercial city of the Netherlands, on the contrary, probably had its year of greatest prosperity in 1560.* (DAVIES, 1954, p. 3) (tradução nossa).

³ DAVIES, 1954, p. 3.

onde estas eram realizadas em prol da Universidade, o que possibilitaria sua difusão profissional evidente.

Ao chegarem à Antuérpia, Louis e seu pai Hans trabalharam para o célebre Plantin⁴, responsável pela maior casa editorial da cidade (que veio a se tornar um dos maiores centros editoriais da Europa), com quem os Elzevir mantiveram contato em diferentes fases de sua atividade profissional.

Ainda que as oportunidades oferecidas pela Antuérpia fossem atraentes aos impressores e encadernadores, entre os anos de 1560 e 1590, a cidade enfrentou sérios problemas de ordem econômica, política e religiosa, fatores que impactavam diretamente Louis e sua família, de confissão protestante. Dessa forma, as questões de ordem religiosa foram as principais responsáveis pelas diversas migrações realizadas pelos Elzevir, fato fundamental para a difusão do seu trabalho em países como Holanda, Alemanha e França.

A iminência do Protestantismo na Antuérpia a partir de 1560 resultou em grandes complicações para seus adeptos, visto que naquele momento a cidade pertencia ao Império Espanhol, cujo rei Filipe II, se denominava “protetor do catolicismo”⁵. A partir daí os impressores convertidos ao Protestantismo (entre eles Louis Elzevir) foram censurados, executados e perseguidos.

A tomada da Antuérpia pelo Príncipe de Orange⁶ em 1566 causou um levante por parte dos protestantes, provocando uma grande onda de profanação das igrejas católicas que passou a tomar conta não só da Antuérpia, mas se alastrou por toda a Holanda. Por causa das profanações, o Duque de Alva⁷ (conhecido por ser extremamente severo) foi mandado à Antuérpia com suas tropas no ano seguinte pelo rei de Espanha Filipe II em busca de vingança, isto resultou na fuga de muitos Protestantes, entre eles Louis Elzevir e sua família.

⁴ Christophe Plantin (1520?-1589) foi célebre editor-impressor nascido em Saint-Avertin, próximo de Tours (França), que com aproximadamente 35 anos se estabelece na Antuérpia, criando com Moretus uma das maiores casas editoriais europeias. (RADKE, 2016).

⁵ DAVIES, 1954, p. 5.

⁶ Guilherme I, o taciturno, príncipe de Orange e conde de Nassau, atuou na independência dos Países Baixos do domínio espanhol na Guerra dos 80 anos (1560-1648). (FERNANDES, 2017).

⁷ Em 1566 Fernando Álvarez de Toledo carregava o título nobiliárquico hereditário espanhol, conhecido historicamente como um dos mais temidos duques de Alba. (SANCHÉZ-PEDREÑO, 2016).

Nos anos seguintes muitos impressores foram banidos ou presos pela venda de livros luteranos⁸.

A primeira cidade de refúgio da família Elzevir após o início das perseguições foi Liège, onde a família conseguiu se estabelecer entre 1567 e 1570, pois se encontrava fora de terras espanholas e era, ainda, a cidade natal da esposa de Louis. A partir de 1569, Louis foi admitido como cidadão e livreiro, porém em pouco tempo suas atividades religiosas foram descobertas, incitando, mais uma vez a fuga, desta vez para a cidade de Wesel⁹.

Devido à sua posição geográfica, a cidade de Wesel, localizada nas fronteiras Holandesas, se tornou o maior refúgio de Protestantes da época. Por volta de 1568 os calvinistas na cidade eram tantos que se tornou o local oficial para o sínodo¹⁰, e, do ponto de vista da produção gráfica, as prensas continuavam em vigoroso funcionamento com a realização dos panfletos e livros protestantes. Foi nessa cidade que Louis passou a assumir negócios não somente como livreiro, mas também como encadernador de 1570 a 1574¹¹.

Em um péríodo incessante, uma vez mais os acontecimentos políticos-religiosos incitam a família a se deslocar. Com a queda do Duque de Alva, este é substituído por Dom Luis Requenses¹² a partir de 1573, e então, numa tentativa de se estabelecer um acordo razoável a todos os “hereges”, aqueles dispostos a voltar para o catolicismo receberiam o perdão. Tomando conhecimento desta situação vantajosa, Louis voltou à Antuérpia e descobriu uma cidade devastada pela guerra religiosa, pela praga e pelos motins organizados por soldados espanhóis, o que o levou a migrar mais uma vez. Sendo assim, Louis se estabeleceu em Douai, cidade que dispunha de uma universidade nova, moldada pelas diretrizes da Universidade de Louvain¹³.

A família se estabeleceu em Douai por poucos anos devido à “União de Arras”¹⁴, que reuniu os despotas dos Estados de Artois e Hainaut em Abbey de Santo Vaast com os líderes de

⁸ DAVIES, 1954, p. 7.

⁹ DAVIES, 1954, p.8.

¹⁰ Assembleia regular de protestantes.

¹¹ DAVIES, 1954, p. 8.

¹² Luis de Requenses y Zúñiga (1528-1576) era diplomata espanhol e seu pai foi tutor de Filipe II. (CERVERA, 2015).

¹³ DAVIES, 1954, p. 10.

¹⁴ Neste acordo, as províncias dos então designados Países Baixos Espanhóis expressaram a sua lealdade para com o Rei Filipe II de Espanha. (DICIONÁRIO SENSAgent, 2017)

Douai, formando um acordo que deixava evidente que a cidade de Walloon (localizada a aproximadamente 150 km de Douai) se submeteria à Espanha e permaneceria católica. Tais eventos culminaram na última migração de Louis Elzevir e sua família em 1580, desta vez para Leyden, província da Holanda aonde, pela primeira vez, a grande “Casa dos Elzevir” se estabeleceria enfim.

2.1 ATIVIDADES EM LEYDEN, HAGUE E UTRECHT

Após inúmeros deslocamentos e tentativas frustradas de estabelecimento de um negócio editorial, finalmente, a família Elzevir desenvolve suas atividades em Leyden, e nesta cidade consolidam sua reputação e seu trabalho por mais de um século.

As atividades da família Elzevir estiveram vinculadas diretamente à demanda gerada pela Universidade de Leyden durante 25 anos. É importante ter em conta que ser um livreiro-impressor, nos séculos XVI e XVII, dentro de uma cidade que abriga uma universidade, significa não só uma grande demanda de trabalho como também conexões com grandes nomes das humanidades, ou seja, os Elzevir publicavam grande parte dos livros que a Universidade de Leyden precisava, assim como os livros dos membros da universidade¹⁵.

Para termos uma ideia da importância do trabalho desenvolvido por Elzevir nesta universidade e, consequentemente, como a dinâmica estabelecida com esta instituição colaborou diretamente para o estabelecimento da dinastia Elzevir, basta identificarmos que a Universidade de Leyden, fundada em 1575, se tornou em um período de cinquenta anos após sua fundação, uma das instituições acadêmicas de maior destaque entre outras na Europa¹⁶.

A Universidade de Leyden foi favorável aos encadernadores, impressores e livreiros, também por sua localização, pois foi fundada numa cidade mercantil em ascensão, que se tornaria no século XVII a maior fabricante de tecidos da Europa, com grande expansão comercial.

Apenas para dimensionar uma vez mais o alcance sociocultural da universidade, no período de 1626 a 1650, 52% dos 11.076 estudantes vinham de países como Pérsia, Império da

¹⁵ DAVIES, 1954, p. 11.

¹⁶ DAVIES, 1954, p. 12.

Turquia, Irlanda, Hungria, Espanha e estados africanos do Norte¹⁷, dados que demonstram seu crescimento como autoridade acadêmica e sua importância como disseminadora de ideias.

Obviamente, um ambiente tão favorável às letras atraiu outros impressores e livreiros: Jan Janszoon Orlers, Hendric van Haestens, Jan Jacobszoon Paedts, Jan Bouwenszoon, Willem Silvius, Plantin e Ravelinghen¹⁸ são alguns dos nomes que entraram no comércio de Leyden durante o século XVII.

2.1.1 Leyden

Louis explorou todo o tipo de atividade e possibilidades que poderiam lhe trazer benefícios no mercado dos livros: encadernação, vendas, publicações, leilões e viagens como representante de vendas. A variedade de seus esforços e atividades durante sua estada em Leyden demonstra, como já nos mostrou D. F. McKenzie¹⁹, que, para além das dificuldades próprias do contexto sócio-político ao qual o editor estava integrado, a atividade do editor-impressor não se restringia, nesse período, à fabricação de livros.

De acordo com Davies (1954), a rivalidade estabelecida entre Frankfurt e Leyden também impactou a produção elzeviriana. O aumento vertiginoso do número de estudantes vinculados à universidade fez crescer consideravelmente a demanda por livros que não eram encontrados em Leyden, incitando a Universidade de Leyden a solicitar ao seu impressor oficial – Jan Paedts – a aquisição e divulgação de exemplares de outros locais, livros que certamente seriam encontrados na célebre Feira de Livros de Frankfurt. Contudo, como os livreiros de Amsterdam tinham consciência desta demanda e, possuíam o hábito de estabelecer negociações na ocasião da feira antes que a demanda da Universidade de Leyden aparecesse, a entrada do impressor oficial da universidade e posteriormente de outros profissionais do universo do livro acabou gerando rivalidade entre os livreiros de ambas as cidades. Ao tomar conhecimento da necessidade universitária de novos exemplares, e sabendo da rivalidade entre Leyden e Amsterdam na Feira de Livros, Louis Elzevir se tornou um frequentador assíduo, não somente para entender como se dava a rivalidade entre as duas cidades, mas também, para encontrar uma maneira de atuar nesse meio.

¹⁷ DAVIES, 1954, p. 14.

¹⁸ DAVIES, 1954, p. 20-21.

¹⁹ MCKENZIE, 1966.

Negociantes de toda a Europa frequentavam Frankfurt duas vezes ao ano para comprar e vender exemplares que atraíam estudiosos e livreiros. A Feira reunia pessoas das célebres Universidades de Viena, Wittenberg, Leipzig, Heidelberg e Strassburgo, assim como de universidades estrangeiras como Louvain, Padua, Oxford, Cambridge e muitas outras. Tais universidades traziam para a Feira não só seus filósofos, como também seus poetas, oradores, historiadores, matemáticos, e todos os acadêmicos em destaque.

“Quem”, perguntou Henri Estienne, escrevendo sobre a feira em 1574, ‘quando se vê cercado por tantos escritores instruídos, não iria supor que estava em Atenas? Uma vez que nas lojas dos livreiros ouve os homens discutindo filosofia tão seriamente quanto uma vez fizeram Sócrates e Platão no Liceu.”²⁰

A Feira era, sobretudo, composta por prósperos mercadores-livreiros que mantinham negociações com associados de diferentes cidades ou países, incitando a venda de livros impressos em diversas localidades, em Frankfurt. Dessa forma, Louis Elzevir se tornou um “promotor” de livros e autores, ele não levava somente suas publicações e estoques de livros para a Feira, mas também os estoques de seus contemporâneos.

Como nos mostra Davies (1954), Elzevir obteve destaque em sua atuação na Feira de Livros de Frankfurt, sendo o primeiro nome mencionado nos catálogos da Feira de 1595, 1597 e 1599. Durante alguns anos, o editor frequentou a Feira apenas como representante independente, vendendo e comprando livros. De fato, seu percurso como editor foi posterior ao de livreiro. Para se ter uma ideia, após 1594 apenas um livro apareceu sob a sua chancela de impressor e é apenas a partir de 1600 que suas publicações passaram a ganhar um ritmo mais intenso.

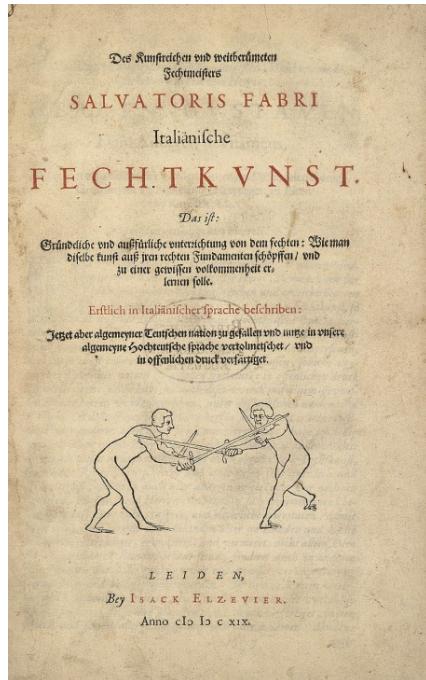
O envolvimento de Louis Elzevir como editor, livreiro, impressor, agente de difusão e promoção de livros resultou em sua nomeação como *beadle*²¹ da Universidade de Leyden. Apesar de ocupar esse cargo de grande responsabilidade, Louis nunca conseguiu se estabelecer como impressor oficial da Universidade de Leyden, o primeiro Elzevir a desempenhar esta função, foi seu neto Isaac, após a morte de Louis em 1617.

²⁰ ‘Who’, asked Henri Estienne, writing of the fair in 1574, ‘when he sees himself surrounded by so many learned writers, would not suppose that he was in Atens? In the shops of the booksellers one hears men discussing philosophy no less seriously than once Socrates and Plato discussed it in the Lyceum. (DAVIES, 1954, p. 23) (tradução nossa).

²¹ Beadle ou Bedel é o nome dado ao responsável por desempenhar diversas funções de organização dentro de uma universidade, tais como: atuar como representante universitário, desempenhar o papel de mestre de cerimônias, fazer a gestão de classes, certificar-se da segurança dos recintos, fornecer informação às pessoas que não fazem parte da universidade, entre outros. (BEADLE, 2017).

Apesar desse prestígio, em 1616, um incêndio que destruiu grande parte da universidade, acabou gerando suspeitas contra os então *beadles*, Louis e seu filho Mathijs (Mathjis atuava junto ao pai como *beadle* e, caso fosse necessário, poderia substituí-lo), que são então suspensos de suas atribuições até a comprovação de inocência²². Após um ano do incêndio, Louis faleceu, deixando cinco filhos e duas filhas. O filho mais novo, Mathjis, assumiu a loja em Leyden em conjunto com seu irmão, sexto filho de Louis, Bonaventura. No ano de sua morte, seu neto Isaac, filho de Mathjis, fundou independentemente o primeiro estabelecimento específico de impressão da família, imprimiu livros sob sua própria chancela, mas também para outros integrantes da família e livreiros diversos. Como consequência os impressos Elzevir do período são variados, podendo-se encontrar: impresso por Isaac Elzevir (FIG. 1), na loja de Isaac Elzevir ou à venda na tipografia Elzevir²³.

Figura 1: Impressão de página de rosto realizada por Isaac Elzevir.



Fonte: House of Elzevir (2017).

Isaac atuou como impressor por nove anos, desenvolvendo uma das melhores casas impressoras na Holanda. Após esse período, renunciou ao seu cargo de impressor oficial da

²² DAVIES, 1954, p. 33.

²³ DAVIES, 1954, p. 48.

Universidade de Leyden, passou o estabelecimento para a família e mudou-se para Roterdã, iniciando atividades como mercador em seu próprio estabelecimento de bebidas²⁴.

Em 1622, Mathjis vendeu sua parte da loja para o seu filho mais novo Abraham, fundando a primeira grande parceria da família, Abraham e Bonaventura Elzevir. Após a renúncia de Isaac como impressor oficial da universidade, Abraham e Bonaventura passaram a ocupar este cargo, e nesta distinta posição, foram responsáveis por consolidar o legado da família²⁵.

Após a morte de Abraham em 1652 a Universidade de Leyden honrou o editor com uma medalha. Bonaventura faleceu poucos meses depois. De acordo com Davies (1954), nenhum de seus sucessores na “Dinastia Elzevir” jamais igualou suas conquistas como impressores.

2.1.2 Hague

Além do império estabelecido em Leyden, a família multiplica suas atividades com a criação de livrarias em Hague e Utrecht, ambas subsidiadas pelas atividades exercidas em Leyden. A loja em Hague foi fundada por Louis Elzevir (filho), tendo permanecido em atividade até 1665 ou mais²⁶.

Em Leyden, os Elzevir publicavam o programa editorial vinculado às novas formas de erudição estabelecidas no séc. XVII, além, é claro, de teologia e títulos vinculados à educação. Em Hague, conscientes da demanda gerada por concentração de juristas, advogados e oficiais do governo, os Elzevir incitam um programa editorial em torno desse público. Dessa forma, os Elzevir estabeleceram sua loja em Hague no Grande Hall, em Binnenhof, espaço frequentado por contadores, advogados e oficiais, membros do Estado Geral, grandes membros dos Estados da Holanda e Leste da Frisia. As lojas não foram um sucesso imediato, principalmente após a morte de Louis Elzevir (pai), contudo o direito de promover leilões de livros no Grande Hall colaborou para a manutenção do espaço. Vale ressaltar, inclusive, que o

²⁴ DAVIES, 1954, p. 52.

²⁵ A parceria entre Abraham e Bonaventura durou 30 anos (1622-1652), embora a existência da firma em Leyden tenha sido aproximadamente de 132 anos. No período de 1622 a 1652 ambos publicaram quase metade de todos os livros Elzevir publicados em Leyden, por isso e pela qualidade de sua tipografia ganham, segundo Davies (1954), o mérito de serem os melhores tipógrafos da dinastia Elzevir.

²⁶ DAVIES, 1954, p. 34.

costume de se fazer leilões de livros permaneceu um monopólio da família Elzevir até meados de 1643²⁷.

No entanto, após 1646 uma nova regra implantada pelos cavalheiros da Câmara do Tesouro das Contas do Condado da Holanda proibia leilões de livros que fossem trazidos à Hague indiscriminadamente. A nova regra exigia que os livros leiloados fossem apresentados em uma lista, e que fosse assegurado pelos leiloeiros que tais livros poderiam ser encontrados na cidade. Esta nova regra resultou numa revolta por parte dos impressores e livreiros, pois sua aplicação fez com que vendedores ambulantes trouxessem livros de fora a preços baixos, trazendo complicações para os negócios locais. Ao final das atividades em Hague, as obras publicadas foram poucas, os trabalhos se resumiam a inscrições de julgamentos e outras obras jurídicas decorrentes de processos²⁸.

2.1.3 Utrecht

Com relação às atividades empreendidas em Hague a atuação dos Elzevir em Utrecht foi muito menos marcante na história da dinastia. Joost, o quarto filho de Louis Elzevir (pai), se estabeleceu na cidade como, livreiro, alimentando a demanda da livraria local. Em 1604 foi eleito um dos diáconos²⁹ dos impressores, encadernadores e livreiros, tendo continuado a trabalhar como livreiro até abril de 1616, seis meses antes de sua morte³⁰. Muitos anos depois, seu neto Pieter Elzevir, também se tornou vendedor de livros em Utrecht, cidade que entrou para o domínio francês sob o governo de Louis XIV, em 1667. Pieter estava autorizado a comprar e vender apenas livros não-encadernados, em sua maioria, livros escolares. Somente um trabalho foi publicado na cidade de Utrecht em 1675, no mesmo ano Pieter fechou as lojas e leiloou os livros publicamente.

²⁷ DAVIES, 1954, p. 38.

²⁸ DAVIES, 1954, p. 42.

²⁹ A função de diácono no protestantismo pode variar bastante, podendo atuar na administração, manutenção, cuidados com terceiros e funções litúrgicas. (DIÁCONO, 2017).

³⁰ DAVIES, 1954, p. 43.

2.2 A OFICINA DE AMSTERDAM

É importante ter em mente, que em meados do séc. XVII, os Países Baixos eram o maior centro de livros da Europa, e Amsterdam, por ser um dos centros comerciais mais prósperos, favorecia, é claro, a produção e difusão de impressos.

Louis Elzevir, filho de Joost, estabeleceu a Oficina Elzeviriana em Amsterdam no ano de 1638, em conjunto com seu primo Daniel. Simultaneamente, havia mais dois estabelecimentos, um em Utrecht e outro estrangeiro, em Copenhagen (filial de menor significância aberta em 1632, responsável apenas pela venda de livros), sendo que, o estabelecimento de Amsterdam se tornou a sede dos trabalhos mais importantes dos Elzevir após a morte de Bonaventura e Abraham³¹.

Os primeiros anos de atividade da oficina de Amsterdam foram dedicados à difusão das publicações de Leyden. Após algum tempo Louis passou a ter uma postura diferente com relação ao programa editorial tradicionalmente desenvolvido sob o signo da relação desenvolvida com a Universidade de Leyden, e, sem a necessidade de alimentar esse mercado, declinou a edição de clássicos e teologia a favor de textos de autores contemporâneos, publicando pelo menos sete diferentes títulos de Descartes, cuja obra também foi amplamente publicada por Louis. Alguns dos títulos são:

Elementa philosophica de cive de Thomas Hobbes (1647); de Francis Bacon Scripta in naturali et universal filosofia (1653) e Sylvia sylvarum (1648); de Gassendi Exercitationes paradoxicae adversus Aristoteles (1649); e de John Milton Defense of the English people (1651).³²

Enquanto Louis se dedicava ao trabalho de edição, seu primo se concentrava em viagens para a promoção dos livros e impressos em países como França e Alemanha, posteriormente algumas viagens para a Inglaterra. Em 1664 Louis se aposentou e passou a direção da Oficina para Daniel. A morte de Louis em 1670 pouco influenciou a Oficina, pois Daniel a estava gerindo com maestria e contava com a parceria de seu sobrinho Johannes e Simon Moynet, que era corretor de provas em Leyden e se juntou à Louis com a mesma atuação. Em dez anos, Daniel Elzevir se tornou um dos editores de livros mais famosos da Europa, sua morte

³¹ DAVIES, 1954, p. 97.

³² *Elementa philosophica de cive of Thomas Hobbes (1647); Francis Bacon's Scripta in naturali et universal filosofia (1653) and Sylvia sylvarum (1648); Gassendi's Exercitationes paradoxicae adversus Aristoteles (1649); and John Milton's Defense of the English people (1651).* (DAVIES, 1954, p. 105) (tradução nossa).

em 1680 seguiu-se de inúmeras lamentações de famosos como John Locke e Nicolaas Heinsius, este último um grande amigo. A oficina de Amsterdam foi vendida após sua morte, assim como seus estoques e suas próprias publicações.

3 AS EDIÇÕES ELZEVIR

Considerando as publicações de Leyden, Amsterdam, Hague e Utrecht, a maioria dos gêneros textuais publicados/editados pela família Elzevir foram religião, jurisprudência, política, clássicos da filosofia universal, e, por último, peças francesas e textos vinculados às *belles lettres*³³.

Quanto à qualidade editorial-tipográfica, identifica-se também, como podemos esperar, uma grande variação vinculada às competências técnicas e intelectuais das diferentes equipes constituídas ao longo de toda a atividade dos Elzevir. Vale ressaltar que figuras como a do revisor de provas, hoje menos valorizadas, poderiam intervir diretamente na qualidade do texto apresentado, pois o trabalho destes profissionais confere uma correção minuciosa dos textos, o que diminuiria drasticamente a quantidade de erros nas edições³⁴.

Além das obras assinadas pelos editores, a obra de Willems³⁵, nos mostra um grande número de volumes que não continham o selo de impressão Elzevir, provavelmente em razão da censura enfrentada em diferentes contextos político-sociais, vinculados às guerras religiosas.

Dessa forma, alguns pseudônimos ou mesmo trabalhos anônimos foram publicados, como mencionado por Davies (1954), podem ser encontrados: Jean Sambix, combinação de Johannes e Daniel Elzevir em Leyden, Jacques *le Jeune*, utilizado pela Oficina de Amsterdam, esta, que também usou em algumas publicações: *Cologne*, *J. du País*, *P. du Marteau*, Amsterdam, *P. le Grand* e *Amsterdam Antoine Michel*.

Quanto à materialidade e aos formatos, é comum atribuirmos um exemplar Elzevir aos pequenos formatos, o que, de fato, representa parte da produção, sobretudo com o desenvolvimento do célebre formato in-12, apresentado pela Figura 2, que permitia a impressão de seis manchas de texto a cada golpe de prensa, acelerando o processo de

³³ Literatura considerada como uma arte fina, tendo uma função puramente estética. (OXFORD, 2017)

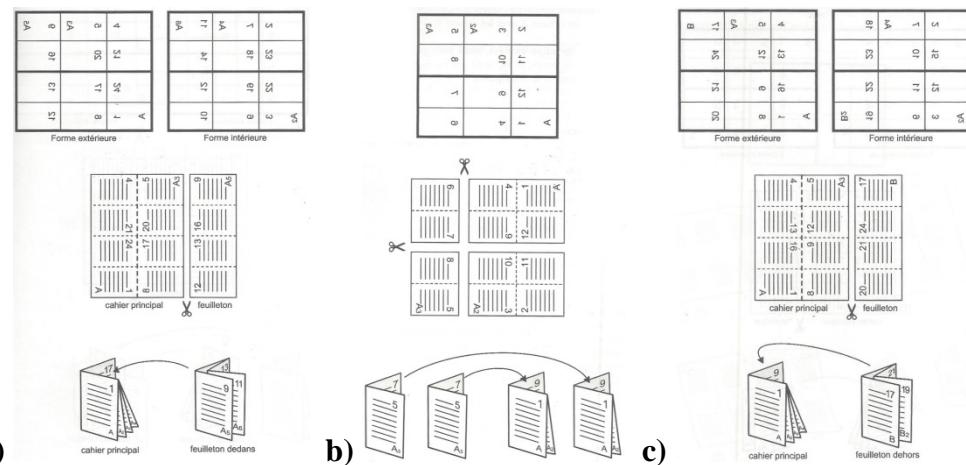
³⁴ *Inevitably there was an occasional faulty edition, but in general texts were well edited and reliable.* Inevitavelmente haviam edições com erros, mas em geral os textos eram bem editados e confiáveis. (DAVIES, 1954, p. 143) (tradução nossa).

³⁵ WILLEMS, 1880.

produção e atendendo à demanda de um novo público de leitores constituídos a partir da geração de Montaigne³⁶.

O fato é que se considerarmos as impressões e publicações emitidas em Leyden, Amsterdam, Hague e Utrecht (mas excluindo as teses impressas em Leyden), são encontrados apenas quarenta e dois por cento dos títulos em in-12; enquanto há mais de cento e vinte cinco in-8. Mas tal foi a reputação feita pelos in-12 que são hoje considerados a característica publicação Elzevir.³⁷

Figura 2: Tipologias do formato bibliográfico in-12



Legenda: a) caderno com encaixe na frente; b) caderno com encaixe de dois bifólios e dois folios; c) caderno com encaixe pelo verso.

Fonte: Riffaud (2011).

As publicações em pequenos formatos, in-12, conferiram aos Elzevir um lugar distinto entre os impressores, pois garantiam um produto de qualidade a baixo custo. Eram, além disso, livros práticos e de tamanha praticidade que poderiam ser carregados ao bolso “[...] A verdade de Samuel Johnson e observação bem-feita, ‘livros que você pode levar ao fogo e segurar prontamente em sua mão, são os mais úteis no final das contas’ [...]”³⁸.

É importante ressaltar que os Elzevir não detêm o privilégio do pequeno formato, e, como se sabe, a introdução das publicações impressas em pequeno formato teve início com Aldo

³⁶ CHATELAIN, 2003.

³⁷ As a matter of fact, if one considers Elsevier printings and publications as a whole including all issued at Leyden, Amsterdam, The Hague and Utrecht (but excluding theses printed at Leyden), it is found only about forty-two per cent of the titles are duodecimos; and there are well over a hundred twenty-five octavos. But duodecimos made such reputation they are now considered the characteristic Elsevier publication. (DAVIES, 1954, p. 146) (tradução nossa).

³⁸ [...] The truth of Samuel Johnson’s well-worn observation, ‘books that you may carry to the fire and hold readily in your hand, are the most useful after all’ [...]. (DAVIES, 1954, p. 146).

Manúcio³⁹, entre os anos de 1501 e 1515, que o fez por percepção de mercado e necessidade econômica, a partir do formato in-8, cuja produção permitia reduzir os preços dos livros e alcançar um número maior de leitores⁴⁰. O formato se tornou popular entre leitores e editores, consolidando o novo tipo de publicação que foi copiado em outras regiões da Europa.

Sendo assim, ao iniciar a publicação de pequenos formatos, os Elzevir estavam aproveitando uma alternativa rentável utilizada por várias gerações, até mesmo por Plantin⁴¹, de quem foram próximos em diferentes momentos e gerações. No entanto, a grande inovação elzeviriana está na utilização de formatos extremamente pequenos (in-12, in-16 e in-24), sendo o in-12 mais difundido, garantindo, ainda assim, a regularidade e clareza dos tipos. O primeiro clássico in-12 foi publicado em 1629 por Bonaventura e Abraham Elzevir em Leyden. A série cresceu rapidamente encantando o mundo das letras com uma tipografia pequena (de corpo 6), esbanjando legibilidade e elegância.

A qualidade e o sucesso dos in-12 trouxeram uma série de imitações, e, de acordo com Willems⁴², cerca de 352 imitações emitidas na Holanda, e 290 em Bruxelas depois de 1680, e não só o formato, como também os ornamentos, grotescas, vinhetas diversas, tipografia, entre outras características.

Dessa forma, os Elzevir marcaram profundamente a história da cultura impressa, sendo associados à qualidade da execução e à redução, relativa, dos preços praticados no séc. XVII, influenciando contemporâneos e editores, impressores, tipógrafos e designers de tempos futuros.

[...] é permitido dizer que a influência dos Elzevir foi diretamente constatada até meados de 1810. Outra manifestação de sua influência se deu em 1794, cento e quatorze anos após a morte de Daniël, onde foi publicada na Inglaterra uma edição in-12 da obra de John Locke *The Conduct of the Understanding*, com a seguinte impressão ‘Londres, impresso por Daniel Elzevir junior, 1794 [...].⁴³

³⁹ Aldo Manúcio (1449-1515) foi um célebre tipógrafo, editor e livreiro, responsável por conferir uma dimensão menor para as fontes, e por introduzir os livros de pequeno formato no mercado livreiro, revolucionando e democratizando o modo de leitura com livros de baixo custo. (MINISTERIO DEI BENI E DELLE ATTIVITÀ CULTURALI E DEL TURISMO, 2017).

⁴⁰ SOUZA; CRIPPA, 2012.

⁴¹ Segundo Davies (1954), Plantin publicou um largo número de clássicos em pequeno formato.

⁴² WILLEMS, 1880.

⁴³ [...] it is permissible to say Elsevier influence was directly felt in publishing as late as 1810. Another manifestation of their influence is that in 1794, one hundred and fourteen years after Daniël died, there was

3.1 AS ENCADERNAÇÕES À LA DUSEUIL

O programa textual-gráfico-visual colocado em circulação pelos Elzevir, seja por meio das obras impressas ou da encadernação, colabora, como nos mostra Jean-Marc Chatelain⁴⁴, com a concretização da biblioteca do fidalgo do século XVII. Este modelo de biblioteca uniformizado pelas suas sóbrias encadernações encontra, nos materiais de revestimento e nos elementos ornamentais, os ideais de luxo e sobriedade vigentes naquele momento.

O novo modelo de encadernação é fundado no uso de materiais nobres, revestimento de alta qualidade, como o couro marroquin em variadas cores, juntamente à minimização dos elementos ornamentais, que já não convocam a exuberância das composições *à la dentelle* ou *à la fanfare*⁴⁵ (FIG. 3), por exemplo, mas marcam a forma do livro por meio de filetes de enquadramento que podem ou não vir acompanhados de simples florões de cantos.

Figura 3: Encadernações *à la dentelle* e *à la fanfare*



Legenda: a) encadernação *à la dentelle*; b) encadernação *à la fanfare*.

Fonte: Bibliothèque Nationale de France (2017a, 2017b).

Os ornamentos mais intrincados, quando aparecem, se apresentam, em geral, nas seixas internas, local que necessita ser visitado pelo leitor para ganhar sua dimensão visual, esta

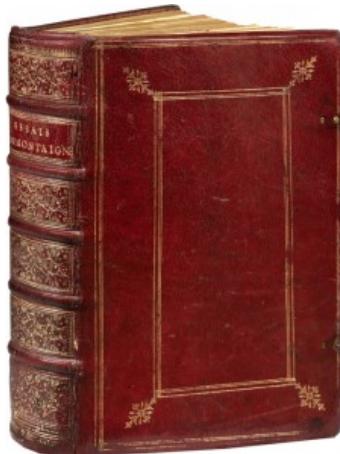
published in England a duodécimo edition of John Locke's The Conduct of the Understanding with the imprint, 'London, printed for Daniel Elsevier junior, 1794' [...] (DAVIES, 1954, p. 149) (tradução nossa).

⁴⁴ CHATELAIN, 2003.

⁴⁵ DEVAUCHELLE, 1995.

tipologia decorativa, marcada sobretudo pelo uso dos filetes de enquadramento nas pastas superiores e inferiores, ficou conhecida como *à la Duseuil*⁴⁶ (FIG.4).

Figura 4: Encadernação à la Duseuil



Fonte: Camile Sourget Librairie (2017).

Chatelain aponta em seu livro *La bibliothèque de l'honnête homme*, que as encadernações *à la Duseuil* além de se caracterizarem pela escolha de materiais de alta qualidade, apresentam grande qualidade de execução. De fato, o modelo de encadernação *à la Duseuil* marca profundamente a história da encadernação (junto ao novo programa de apropriação do livro que veiculava), ao ponto de chegar no séc. XIX como uma referência técnica e estética para diferentes ambientes de produção da encadernação: indo do universo da alta bibliofilia às humildes cartonagens veiculadas pelos editores da edição romântica.

Para contextualizar a importância desta tipologia de encadernação, que traz consigo não só um modelo editorial, mas também visual e material, Chatelain ressalta o estudo realizado em torno de grandes coleções, como a dos irmãos Dupuy, cuja coleção possuía em sua grande maioria edições Elzevir, encadernadas *à la Duseuil*, em formato in-12, e realizados em Leyden: “um observatório ideal para o rastreamento dos elementos capazes de definir a típica encadernação do século XVII⁴⁷”. Trata-se, de fato, de uma quantidade considerável de edições elzevirianas que nos permite visualizar as relações estabelecidas entre a apropriação dos textos lidos e as encadernações que os veiculavam, que por serem pequenas e portáteis, e ao mesmo tempo elegantes, possibilitaram a concretização de uma prática de leitura viva,

⁴⁶ CHATELAIN, 2003.

⁴⁷ CHATELAIN, p. 114, 2003.

marcada pelo cotidiano, sob o signo do ideal de desenvoltura, que atravessa a tensão dada no séc. XVII entre uma lógica erudita da “monumentalidade dos textos” (seja material ou simbólica) e um regime “mundano” de apropriação dos textos que convoca o ideal de prazer.

Quanto aos exemplares Elzevir que permeiam nosso estudo (e nossa prática), é valido ressaltar que os títulos correspondem exatamente ao programa editorial amplamente detalhado por Jean Marc Chatelain, no qual as obras de Sêneca e Plutarco são apropriadas como um manual de conduta para o fidalgo do séc. XVII.

4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA UFMG E O CORPUS SELECIONADO

Inaugurado em 1981, o prédio da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (FIG.5) reúne sob a guarda da Biblioteca Universitária (BU) o maior número de obras raras e especiais da UFMG.

O acervo de obras raras e especiais foi estabelecido por meio de doações e de coleções previamente existentes na antiga biblioteca da reitoria e nas bibliotecas setoriais da UFMG, antes da unificação da BU em 1976 e da construção do prédio da Biblioteca Central. Deste acervo, a Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras (FIG.6) abrange coleções de grande valor histórico e documental.

Figura 5: Biblioteca Central UFMG - Entrada



Fonte: UFMG Diversa (2005).

Figura 6: Divisão de Coleções Especiais



Fonte: Acervo da autora (2017).

A Divisão de Coleções Especiais (Dicolesp), localizada no 4º andar da Biblioteca Central, abriga obras do séc. XVI ao séc. XX, e é estruturada em três grandes coleções⁴⁸:

- Coleção Memória Intelectual da UFMG - que mantém publicações estritamente bibliográficas sobre a produção intelectual da UFMG;
- Coleção de Obras Raras – composta pelas coleções Arduíno Bolívar, Brasiliana, Camilo Castelo Branco, Geral, Linhares, Luiz Camillo de Oliveira Netto, Referência, Patrologia.
- Coleções Especiais – composta pelas coleções Faria Tavares, Francisco Pontes de Paula Lima, Francisco de Assis Magalhães Gomes, José Israel Vargas, Livro de Artista, Literaterras, Marco Antonio Dias, Orlando de Carvalho.

A coleção Luiz Camillo Oliveira Netto, inserida na Coleção de Obras Raras, apresenta um *corpus* fundamental para o presente trabalho, que partiu da análise dos modos de produção e das tipologias de degradação dos exemplares encadernados caracterizados por serem edições Elzevir, mas também de outros volumes que dialogam com essa tradição editorial, compartilhando, também, na sua maioria, uma modalidade técnica-estética de encadernação caracterizada, como ressaltado no capítulo anterior, como encadernação *à la Duseuil*.

Ao todo foram identificados oito livros encadernados que, seja a partir de sua encadernação ou de sua tradição editorial-gráfica, se integram plenamente no grande programa gráfico-visual estabelecido pelas edições Elzevir, o que compõe uma série significativa na Coleção Luiz Camillo.

Dos oito exemplares, contudo, apresentados na Tabela 1, e, em função das degradações apresentadas e das possibilidades de tratamento vinculadas a uma determinada modalidade, elegemos apenas os exemplares 1, 2, 3 e 8 para desenvolver o nosso trabalho.

⁴⁸ ARAÚJO, 2013.

Tabela 1: Coleção Luiz Camilo (séculos XVII e XVIII) - Biblioteca Universitária UFMG.

	Imagen	Autor	Título	Nº chamada	Ano	Características	Encader-nador	Sequência
Século XVII e XVIII (ELZEVIER)		Pierre Charron (1541-1603)	De la Sagesse: trois livres	1656 1 C485s	1656	Estrutura mista, lombo aderido e grecagem	-	1
Século XVII		Sêneca (ca. 4 a.C.-ca. 65 d.C.)	L. Annaei Seneca philosophi	1658 1 S475l	1658	Estrutura falso dorso (século XIX)	Lesort	2
Século XVII		Hardouin d'Péréfixe de Beaumont	Histoire du roy Henry le Grand	1661 94(44) P434h	1661	Lombo aderido	-	3
Século XVII		Erasmo (ca.1469 - 1536)	Adagiorum epitome: ex noviss	1 E65a 1643	1643	Encadernação à holandesa		4
Século XVII		Arnold Mylius (1540-1604)	De rebus hispanicis, lusitanici	94 M997d 1602	1602	Lombo aderido	-	5
Século XVII		Souchu de Rennefort (ca.1630-1690)	Histoire des Indes Orientales	94(540) R414h 1688	1688	Lombo aderido	-	6
Século XVIII		C. Plinii Caecilii	Secundi Epistolae et Panegyricus	1749 82-6 P728c	1749	Falso lombo	Lesort	7
Século XVIII		M. T. Ciceronis	De Senectuti, dialogus. Somnium Scipionis	1796 821.124 CS68m	1796	Falso dorso	-	8

Legenda: *Corpus* analisado na Coleção Luiz Camillo.

Fonte: Dados compilados pela autora.

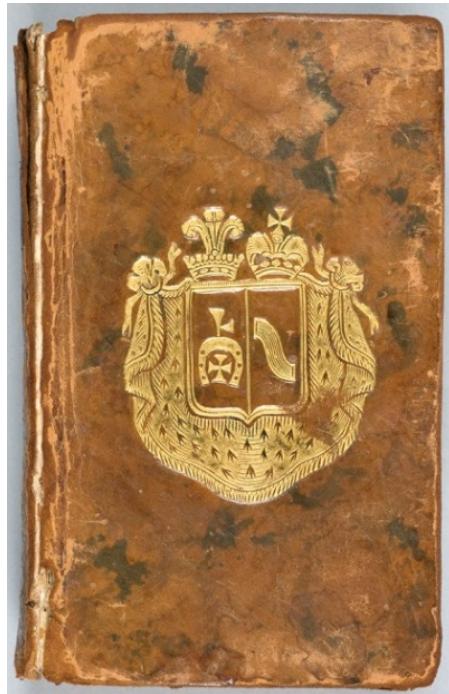
4.1 DE LA SAGESSE: TROIS LIVRES

Esta obra de autoria de Pierre Charron⁴⁹ reúne três volumes dedicados à sabedoria como tema filosófico. Trata-se de uma edição de Jean Elzevier, publicada em Leiden em 1656. O volume estava envolto por uma luva de poliéster etiquetada com as informações principais do livro na biblioteca (autor, título e número de chamada), seguindo a diretriz de conservação e armazenamento da Dicolesp⁵⁰.

⁴⁹ Pierre Charron (1541-1603) foi um historiador, moralista, filósofo e teólogo francês cujas principais obras são: *Trois Vérités* de 1593, *Discours Chrétien*s de 1600 e *De la Sagesse* de 1601. (PIERRE CHARRON, 2017).

⁵⁰ Em geral os livros da Dicolesp, recebem uma luva de poliéster para proteção de seu revestimento e ali são etiquetadas suas informações principais de documentação dentro da biblioteca.

Figura 7: La Sagesse: trois livres.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 8: Ex-libris da obra De La Sagesse



Fonte: Acervo da autora (2017).

4.1.1 Descrição material do livro

- **Data da encadernação:** provavelmente, séc. XVIII.
- **Modelo técnico:** encadernação de dorso aderido, com costura realizada pelo método de grecagem⁵¹.
- **Dimensões:** 13 cm de altura; 7,8 cm de largura; 3,9 cm de dorso.
- **Revestimento:** encadernação plena em pele de vitela.
- **Material das pastas:** cartão laminado com papeis, com 3 mm de campo.

⁵¹Método no qual os fundos de caderno são serrotados para abrigar os cordões de sustentação e conferir à encadernação um dorso liso.

- **Decoração:** pasta frontal apresenta um brasão⁵² e no dorso elementos fitomórficos por toda a sua extensão, com exceção da etiqueta em chagrin preto, que recobre um dos nichos criados pelos entrenervos, trazendo o título do livro e o nome do autor.
- **Guardas superiores e inferiores:** contém apenas uma folha de guarda superior e inferior, em papel de trapo.
- **Cabeceados:** cabeceado de técnica mista, costurado a parte sobre tira de tecido (provavelmente algodão e/ou linho) colado ao corpo da obra.
- **Corpo da obra:** papel de trapo (provavelmente algodão e linho).
- **Costura:** costura sobre nervos alternada, que faz uso da grecagem, conferindo dorso liso e de menor volume.
- **Quantidade de cadernos:** 27 cadernos (possui indicação alfanumérica).
- **Formato Bibliográfico:** in-12.
- **Quantidade de páginas:** 621.

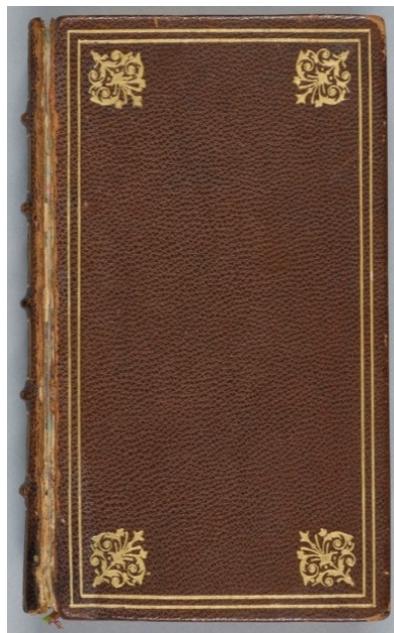
4.2 SÊNECA: TOMUS SECUNDUS. IN QUO EPISTOLE & QUESTIONS NATURALES

Obra de Sêneca⁵³, amplamente divulgada pelo programa editorial Elzevir e apropriada pelas novas práticas de leitura vinculadas à leitor fidalgo do séc. XVII. Tal edição foi realizada por Louis e Daniel Elzevir, no ano de 1658.

⁵² O brasão encontrado na pasta frontal da encadernação possui do lado direito as armas da família Lubomirski, e do lado esquerdo as armas da família Rzewuski, elucidando a união entre Wenceslas Rzewuski (1705-1779) e Constance Lubomirski (1761-1840), a quem o livro pertenceu no século XVIII (um ex-libris na pasta do livro nos dá a ver a inscrição *Ex-libris de la Bibliothèque de Madame La Comtesse Constance Rzewuska neé Pincesse Lubomerska.*). Um fato que indica que a encadernação foi realizada posteriormente à edição.

⁵³ Lúcio Aneu Sêneca (Corduba, 4 a.C.-Roma, 65) foi um célebre escritor e intelectual que servia ao Império Romano. Dentre suas obras mais relevantes se encontram: ‘Naturales quaestiones’, os tratados ‘De tranquillitate animi’, ‘De vita beata’ e as ‘Epistolae Morales’.

Figura 9: Obra Tomus secundus. In quo Epistole & Questions naturales



Fonte: Acervo da autora (2017).

4.2.1 Descrição material do livro

Data da encadernação: inicialmente, a partir de suas características estéticas e pela origem da edição, acreditamos que se tratava de uma encadernação realizada no séc. XVII, como um modelo amplamente difundido no período, a típica encadernação *à la Duseuil*, com enquadramento e florões de canto. No entanto, ao estudarmos a estrutura tridimensional e identificarmos as técnicas utilizadas, vimos que se tratava de uma encadernação de falso dorso, realizada no séc. XIX, assinada pelo encadernador e portadora da tradição visual *à la Duseuil*, o que reforça a importância desse modelo dentro do fenômeno historicista, que marca fortemente a encadernação francesa no séc. XIX⁵⁴.

Devido à tipologia técnica, podemos afirmar que se trata, portanto, de uma encadernação realizada no século XIX, com uma decoração que remonta ao século XVII. Outro elemento importante gravado na encadernação que nos auxiliou no processo de datação foi a assinatura do encadernador, encontrada no dorso do livro (próximo ao corte inferior), onde está gravado

⁵⁴ As encadernações do século XIX experimentaram a voga historicista, que, embora se apresente em uma dinâmica editorial completamente diferente da realidade do séc. XVI e XVII, busca atualizar as matrizes visuais de diferentes períodos históricos. (UTSCH, 2016).

o nome LESORT⁵⁵, encadernador que exerceu suas atividades principalmente na segunda metade do séc. XIX.

- **Modelo técnico:** encadernação de falso dorso e falsos nervos, comumente conhecida como encadernação do século XIX⁵⁶.
- **Dimensões:** 12,9 cm de altura; 7,1 cm de largura; 2,3 cm de dorso.
- **Revestimento:** couro chagrin de cor marrom.
- **Material das pastas:** cartão laminado.
- **Decoração:** A encadernação, com corte dourados, traz nas pastas superior e inferior uma decoração realizada com ferros de douração, tipicamente *à la Duseuil*, com filetes de enquadramento e florões de canto. O dorso possui adornos fitomórficos em cada quadrante dos nervos.
- **Guardas superiores e inferiores:** dois bifólios (inferior e superior) com sobreposição de papel marmorizado (contrapasta e guarda volante).
- **Cabeceados:** cabeceado *chapiteau* em fio de seda de duas cores.
- **Corpo da obra:** papel de trapo.
- **Costura:** costura realizada sobre três cordões de sustentação em fibra vegetal, provavelmente cânhamo ou algodão.
- **Quantidade de cadernos:** 20 cadernos.
- **Formato Bibliográfico:** in-12, utiliza indicação alfanumérica para identificação dos cadernos.
- **Número de páginas:** 480 páginas.

4.3 HISTOIRE DU ROY HENRY LE GRAND

Obra de amplo alcance editorial de autoria de Hardouin de Péréfixe de Beaumont⁵⁷, traduzida para diversas línguas. O livro relata a história do monarca Henry, o grande (Pau 1553 - Paris

⁵⁵ Lesort foi um encadernador, editor de livros e livreiro parisiense que exerceu suas atividades durante a segunda metade do séc. XIX. (HARTEVELD RARE BOOKS, 2012.)

⁵⁶ A industrialização de livros no século XIX aumentou sua produção e circulação, em razão da diminuição de preços. A Encadernação do século XIX ou ainda Encadernação Francesa se desenvolve neste contexto, trazendo consigo elementos importantes de uma encadernação clássica, sem necessariamente obrigar-se a seguí-los plenamente.

1610), primeiro soberano de família Bourbon. Esta edição foi realizada em Amsterdam por Louis e Daniel Elzevir em 1661.

Figura 10: Obra Histoire du Roy Henry Le Grand.



Fonte: Acervo da autora (2017).

4.3.1 Descrição material do livro

- **Data da encadernação:** século XVII.
- **Modelo técnico:** encadernação de dorso aderido, sem o uso de grecagem, com nervos verdadeiros e proeminentes no dorso do livro.
- **Dimensões:** 13,3 cm de altura; 7 cm de largura; 3 cm de dorso.
- **Revestimento:** couro marroquim vermelho.
- **Material das pastas:** papel de trapo laminado.
- **Decoração:** Sem decoração exterior, a encadernação, além dos cortes dourados, apresenta delicada ornamentação com elementos fitomórficos nas bordas internas das pastas, junto às seixas, realizada com roletes (ferros de douração) e apenas visíveis na abertura do exemplar.

⁵⁷ Paul Philippe Hardouin de Beaumont de Péréfixe (Beaumont 1606-Paris 1671) foi tutor do rei Luís XIV e arcebispo de Paris. A principal obra de Péréfixe é *Histoire du roy Henry Le Grand*, realizada por ele especialmente para o rei Luís XIV. (PAUL PHILIPPE..., 2017).

- **Guardas superiores e inferiores:** dois bifólios (superior e inferior) com sobreposição em papel marmorizado (contrapasta e guarda volante).
- **Cabeceados:** não há mais vestígios dos cabeceados originais.
- **Corpo da obra:** papel de trapo (provavelmente linho e algodão).
- **Costura:** costura sobre cinco nervos, sem a utilização do método da grecagem, o que confere ao dorso da obra o volume real dos nervos que foram utilizados para a realização da costura.
- **Quantidade de cadernos:** 23 cadernos (indicação alfanumérica).
- **Formato Bibliográfico:** in-12.
- **Número de páginas:** 522 páginas.

Figura 11: Assinatura do encadernador Hardy Menne



Fonte: Acervo da autora.

4.4 DE SENECTUTE, DIALOGUS. SOMNIUM SCIPIONIS

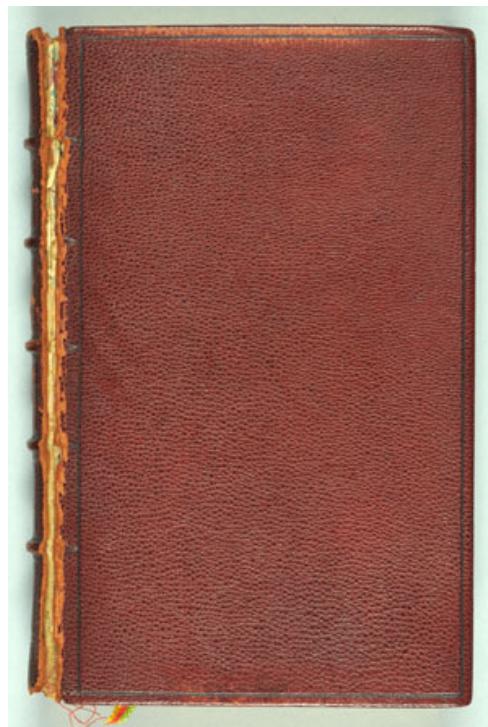
Obra de Cícero⁵⁸, que integra seus diálogos com diferentes interlocutores: Cato Major, Epístola I e II de César, De Amicitia e por último Marci Tulli Ciceronis Paradoxa Ad Marcum Brutum. Edição de Auguste Renouard⁵⁹, impressa em Paris, em 1796.

Diferente das demais obras, esta não é uma edição Elzevir, mas faz, sem dúvida, referência ao programa editorial-gráfico-visual constituído pela grande dinastia de editores no séc. XVII. A sua decoração, como podemos observar, possui extrema sobriedade, exatamente como a encadernação de Henry Le Grand, descrita anteriormente.

⁵⁸ Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.) foi um filósofo, escritor, político e orador da República Romana, é considerado um dos maiores oradores e escritores em prosa da Roma Antiga. (CÍCERO, 2017).

⁵⁹ Antoine-August Renouard (1765-1853) foi um industrial, bibliógrafo e livreiro francês do séc. XIX. (ANTOINE-AUGUST, 2017).

Figura 12: Obra De Senectute, Dialogus. Somnium Scipionis.



Fonte: Acervo da autora (2017).

4.4.1 Descrição material do livro

- **Data da encadernação:** século XIX.
- **Modelo técnico:** encadernação tradicional do século XIX
- **Dimensões:** 13,8 cm de altura; 8,4 cm de largura; 1,8 cm de dorso.
- **Revestimento:** encadernação revestida por pele chagrin vermelha
- **Material das pastas:** cartão laminado
- **Decoração:** apesar da qualidade de execução do livro integrá-lo em um espaço de produção de luxo, visível pelo rigor da execução e pelo uso dos materiais, a decoração é extremamente sóbria, como a da encadernação descrita anteriormente. A decoração externa apresenta apenas a douração do título no dorso e os filetes de enquadramento dourados a frio (sem a presença de ouro), sobre as pastas superior e inferior. Contudo, além dos cortes dourados, o exemplar apresenta ampla ornamentação com elementos fitomórficos nas bordas internas das pastas, junto às seixas, visíveis apenas com a abertura do exemplar.
- **Guardas superiores e inferiores:** dois bifólios (superior e inferior) com sobreposição em papel marmorizado (contrapasta e guarda volante).
- **Cabeceados:** cabeceado chapiteau em fio de seda de duas cores

- **Corpo da obra:** Papel de trapo, provavelmente linho e algodão, tecidos mais comuns na produção do papel de trapo.
- **Costura:** costura sobre quatro pontos de sustentação, envoltos pelo dorso devido ao uso da grecagem, técnica utilizada na encadernação tradicional do século XIX.
- **Quantidade de cadernos:** 19 cadernos.
- **Formato Bibliográfico:** in-12.
- **Número de páginas:** 322 páginas.

5 ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A identificação do estado de conservação de um livro requer, além do olhar minucioso que reconhece as degradações de cada um de seus componentes materiais, a compreensão material do livro, e, sobretudo, sua metodologia construtiva. Tal reconhecimento auxilia o conservador-restaurador nos momentos de decisão perante as intervenções a serem realizadas, e por meio desta análise, material e construtiva, os critérios de trabalho podem ser fundamentados.

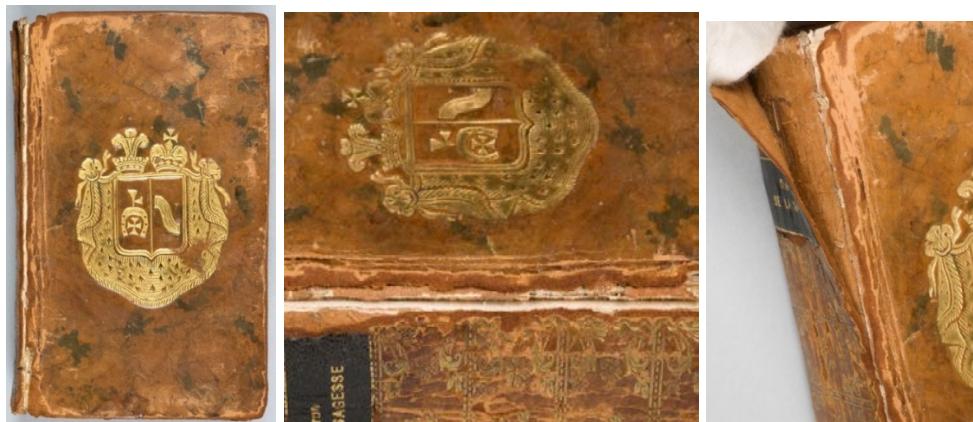
Por serem quatro livros, separamos em cada subseção o estado de conservação individual das obras, e por meio do registro fotográfico por luz visível foi possível a visualização dos elementos que apresentavam maior necessidade de intervenção.

5.1 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE LA SAGESSE

A encadernação do livro “De la sagesse” mostrava, de imediato, uma ruptura de charneira, região de articulação entre o dorso e as pastas. Tal ruptura não acontecia somente no material de revestimento da encadernação, mas também nos elementos estruturadores da costura, que passavam para dentro das pastas, os cordões de sustentação.

O dorso da encadernação encontrava-se à mostra, mas não completamente, apenas uma área do couro havia se desprendido do dorso. De modo geral, o couro que revestia o dorso se encontrava com fragilidade generalizada, e, além da degradação intrínseca ao material de revestimento - que já se mostrava ressecado -, por se tratar de um couro aderido ao dorso, a abertura constante do livro forçou a quebra das fibras de colágeno, tornando a vitela quebradiça.

Figura 13: Vista frontal da encadernação e detalhes da charneira e do couro solto (*De la sagesse*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

A pasta inferior da encadernação apesar de apresentar irregularidades visuais na cor e o desgaste do couro em algumas regiões, não tinha nenhum tipo de degradação estrutural na área de charneira. Do ponto de vista do revestimento da pasta, as irregularidades do couro, apesar de visíveis, não traziam nenhum tipo de risco à mecânica da encadernação, e, de fato, a sua fragilidade trazia riscos apenas na área de charneira, que poderia vir a sofrer um rompimento total, incidindo sobre os cordões de sustentação.

Figura 14: Vista do verso e detalhe da charneira no verso (*De la sagesse*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Podemos visualizar no dorso da encadernação a diferença entre a charneira superior, que se encontra completamente rompida, e a charneira inferior, que estava fragilizada, mas ainda não

apresentava o rompimento. O desgaste do couro no dorso da encadernação era muito intenso nos cabeceados e nos cantos da encadernação. As duas coifas, superiores e inferiores, também apresentavam perda de suporte, ou seja, de couro.

Figura 15: Dorso, corte superior e corte inferior (*De la sagesse*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Os cortes da encadernação apresentavam sujidades e, naturalmente, por estar mais exposto, o corte superior apresentava mais sujidades que o corte inferior.

Os cantos do livro, outro local de exposição permanente e presente nas tipologias de degradação mais comuns, já estavam muito desgastados, com perda de revestimento em algumas áreas, deixando o material das pastas à mostra no canto inferior direito da pasta superior e no canto superior direito da pasta inferior. Por ficarem à mostra, o cartão em papel laminado apresentava fragilização. Os cantos no interior das pastas e na área das coifas, também estavam à mostra devido ao desgaste do couro.

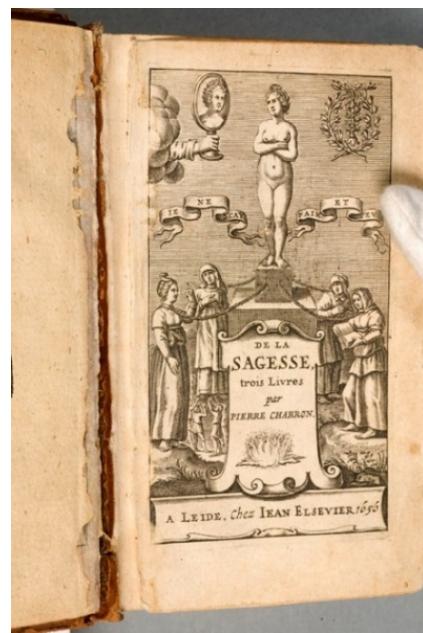
Figura 16: Corte lateral e detalhe do cabeceado (*De la sagesse*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Internamente, a encadernação não apresentou muitas degradações, os fólios internos estavam em perfeito estado, apresentando apenas sujidades. A única degradação interna, que aconteceu decorrente dos problemas externos, foi o desprendimento do frontispício da encadernação, pois, por se encontrar no primeiro caderno do livro, se desprendeu devido ao rompimento da charneira e consequentemente, dos cordões de sustentação que seguravam a costura desta folha ao caderno. Percebe-se que houve uma tentativa de colagem do frontispício no verso da folha de guarda, gerando um processo de fragilização da borda esquerda, em contato com a costura. Além disso, o frontispício também apresentava manchas d'água e fragilidade caracterizada pelos pequenos rasgos e perdas do papel nos cantos superior e inferior do fólio.

Figura 17: Frontispício solto (*De la sagesse*).

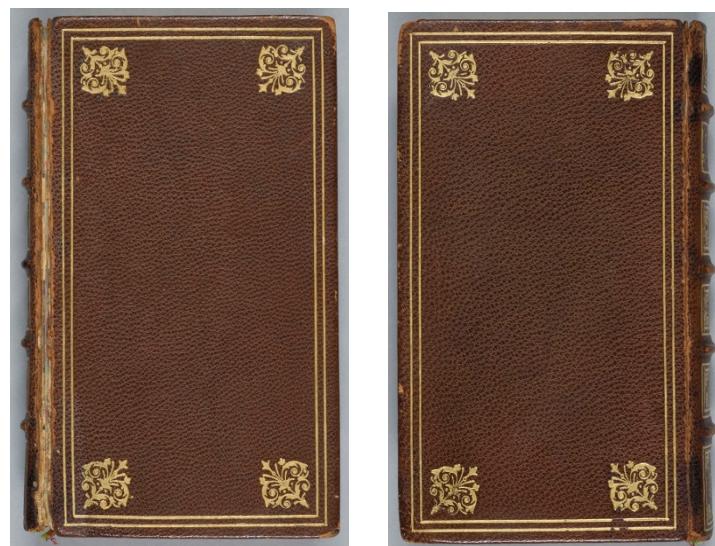


Fonte: Acervo da autora (2017).

5.2 ESTADO DE CONSERVAÇÃO SÊNECA

A encadernação apresentava uma ruptura total (couro e suporte de sustentação) na charneira superior, e na parte inferior o processo de ruptura do couro já era visível. No canto inferior da charneira superior foi possível observar uma pequena mancha escura no couro, indicando uma carbonização.

Figura 18: Vista frontal e vista do verso (Sêneca).



Fonte: Acervo da autora (2017).

De modo geral o couro utilizado para revestimento estava em boas condições, apresentando desgaste apenas nas áreas de charneira e muito pouco nos cantos da encadernação.

Figura 19: Detalhe do rompimento da charneira frontal e detalhe desgaste do couro na charneira do verso (Sêneca).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Os cortes da encadernação apresentavam poucas sujidades, o corpo da obra também estava em bom estado, indicando apenas a presença de sujidades decorrentes do tempo de uso do objeto. Finalmente, os cabeceados se encontravam em excelente estado, com a costura intacta, sendo que apenas o couro da coifa inferior se apresentava um pouco mais desgastado, com uma pequena área de perda.

Figura 20: Corte lateral e corte superior (Sêneca).



Fonte: Acervo da autora (2017).

5.3 ESTADO DE CONSERVAÇÃO *HISTOIRE DU ROY HENRY LE GRAND*

Entre os quatro exemplares tratados, esse volume apresentava o maior número de degradações, e por apresentar uma tipologia do século XVII, com nervos verdadeiros, dorso aderido e um revestimento fino, que proporciona um desgaste mais rápido ao couro, o rompimento das charneiras foi mais agressivo, tanto do ponto de vista do couro como do

ponto de vista dos cordões de sustentação, que também se apresentavam com rompimento total nas partes inferior e superior.

Figura 21: Vista frontal e detalhe da charneira rompida (*Henry le grand*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 22: Detalhe do canto da encadernação (*Henry le grand*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

É possível observar, detalhadamente, a maneira como a charneira desta encadernação se rompeu, assim como os cordões de sustentação, visíveis na Figura 21. As áreas de quebra dos cordões de sustentação fizeram o couro que os revestia levantar, fragilizando toda a área.

Embora os cantos da encadernação tenham ficado à mostra, gerando a delaminação do cartão, as áreas de perda eram pequenas, mas causavam, ainda assim, pelo contraste de cor (FIG. 23), um impacto grande na leitura visual da encadernação. De maneira geral a encadernação estava com muitas sujidades, principalmente em seu material de revestimento, havia manchas, poeira, e sujeiras aderidas às reentrâncias do couro.

Figura 23: Vista do verso e rompimento da charneira (Henry le grand).



Fonte: Acervo da autora (2017).

O dorso se encontrava bastante vulnerável nas áreas dos nervos (que são proeminentes), sendo que o desgaste do dorso é mais intenso nas extremidades, onde não existem mais coifas ou cabeceados, de fato, não conseguimos determinar se já houve cabeceados neste livro, uma vez que não apresenta vestígios deste elemento (FIG. 24).

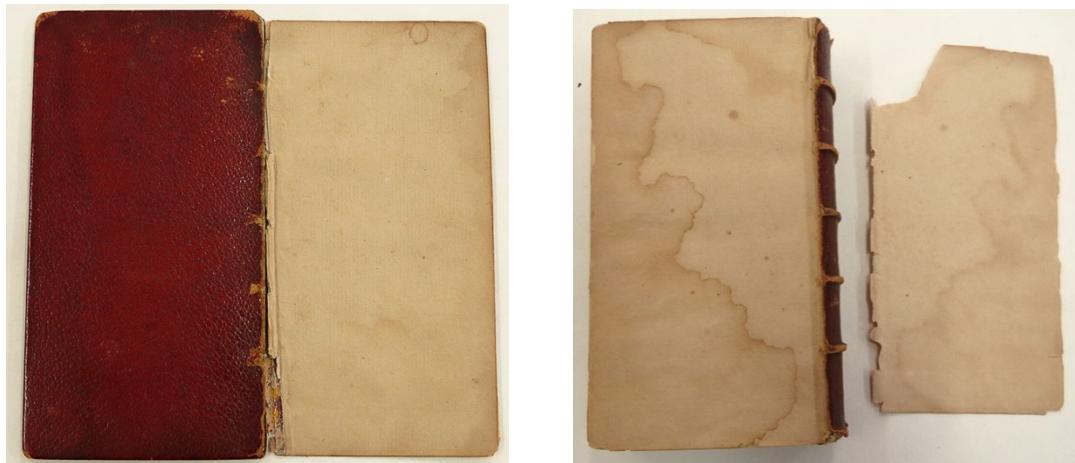
Figura 24: Vista do verso e do rompimento da charneira (Henry le grand).



Fonte: Acervo da autora (2017).

O rompimento abrupto de ambas as charneiras causou uma degradação nas folhas de guarda, que apresentavam rasgos nos fundos de caderno e estavam separadas (uma folha estava ainda aderida à pasta e a outra estava solta).

Figura 25: Pasta do verso com folha de guarda e folha de guarda do verso manchada e rasgada (*Henry le grand*).



Fonte: Acervo da autora (2017).

As folhas de guarda inferiores apresentavam manchas d'água e áreas com rasgo, além de não possuírem mais um fundo de caderno.

5.4 ESTADO DE CONSERVAÇÃO CÍCERO

Por suas características formais, identificamos a mesma tipologia de degradação presente no exemplar do Sêneca. Por ambas encadernações pertencerem ao século XIX, apresentam um rompimento de charneira característico, que deixa à mostra o dorso e faz o material de revestimento romper completamente.

Figura 26: Vista frontal e do detalhe do dorso (Cícero).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Embora a charneira superior da encadernação esteja completamente rompida, a charneira do verso da encadernação está apenas com o material de revestimento desgastado, mas ainda assim, em processo de rompimento.

Figura 27: Vista do verso, detalhe da charneira no verso (Cícero).



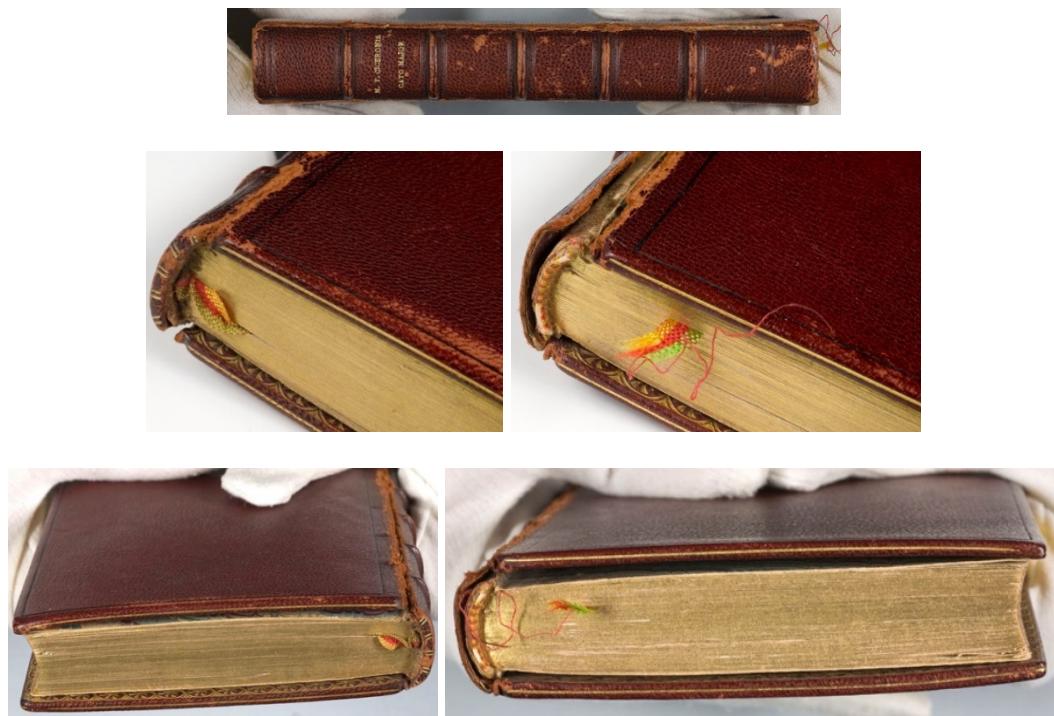
Fonte: Cícero (1796).

Em seu dorso, a encadernação apresentava pouco desgaste do couro, apenas áreas pontuais estavam com o revestimento pouco uniforme, devido ao desgaste causado por manuseio excessivo, quedas e abrasão.

A coifa inferior estava completamente ausente devido ao desgaste do couro nesta região, contudo, como a coifa superior estava em bom estado, foi possível observar que havia uma decoração em sua superfície. É importante ressaltar que a degradação de um elemento estrutura acaba sempre incidindo sobre outros elementos constitutivos, como é o caso da degradação gerada na região das coifas, que também se caracteriza como um resultado do rompimento das charneiras. Por ainda haver a coifa superior, esta protegeu o cabeceado, que continuo intacto, no entanto, como a coifa inferior não existia mais, o cabeceado inferior ficou exposto, por isso apresenta perda de parte da costura, deixando a mostra, inclusive, o material utilizado para a realização da alma.

Os cortes apresentavam muitas sujidades, assim como a região dos cabeceados. Os cantos estavam em boas condições, assim como o couro de revestimento das pastas, que não tinha nenhum desgaste muito considerável, com exceção das áreas de coifa e, como apresentado, o rompimento das charneiras (FIG. 28), gerado, é claro, pela natureza da sua função técnico-mecânica, que é articular as pastas com o dorso.

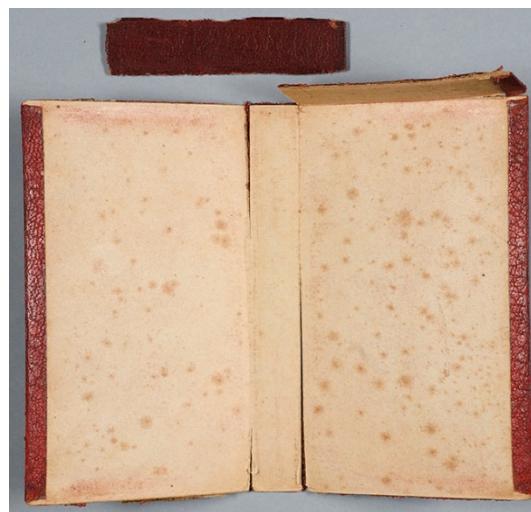
Figura 28: Dorso, detalhe dos cabeceados e cortes superior e inferior (Cícero).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Em seu interior, apenas sua página de rosto apresentou algumas manchas d'água, mas o corpo da obra, em si, encontrava-se em perfeitas condições. O livro possui ainda uma luva feita com um cartão fino e revestida com couro (FIG.29), que apresentava manchas generalizadas, devido aos fungos presentes em seu interior, o que também fragilizou os materiais, tornando-se mais um fator que auxiliou o rompimento entre as charneiras e as pastas.

Figura 29: Luva do livro (Cícero).



Fonte: Acervo da autora (2017).

Como é possível observar, mesmo que se trate de três modelos estruturais de encadernação distintos, todos apresentam as charneiras rompidas como principal característica de degradação, fruto, como já indicamos, da sua função técnico-mecânica de abertura do livro, que em conjunto com outros elementos, como uma costura demasiadamente apertada, um encaixe de pastas muito rígido ou um dorso que apresente rigidez e não permita um encaixe mais fluido. Veremos a seguir, que apesar dessa similitude, a característica física de cada modalidade de encadernação vai demandar um tratamento distinto, coerente à sua estrutura.

6 BOARD ATTACHMENT – TRATAMENTOS VIGENTES EM CASOS DE CHARNEIRAS ROMPIDAS

Os tratamentos de Conservação-Restauração em encadernações buscam não apenas uma resposta para seus elementos visuais – que, muito frequentemente são identificados como suas únicas características –, mas principalmente uma solução para questões que envolvam sua mecânica e seu desempenho como objeto funcional, com suas características materiais.

Nos livros estudados e tratados ao longo da realização desse trabalho, além das degradações de coifas e cantos, identificamos a charneira como o elemento que mais sofreu degradações, incidindo diretamente na estrutura de base da encadernação e possibilitando a geração de degradações mais profundas no corpo da obra, como por exemplo, o rasgo de fólios ou o desprendimento dos mesmos.

A partir da recorrência dessa tipologia de degradação, observamos a necessidade de identificar igualmente os tratamentos vigentes para casos de charneiras rompidas, sobretudo, suas aplicações em livros de pequeno formato, que caracterizam os nossos volumes.

Em artigo escrito para o *The American Institute for Conservation* em 1996⁶⁰, Donia Conn ressalta que o rompimento das charneiras geralmente é causado pela tipologia de encadernação, exemplificando o seu argumento por meio de estudos relativos às encadernações do século XIX, que trazem características de produção inerentes a diversas tipologias de degradação, como por exemplo, a grecagem e o arredondamento do dorso que deterioram e expõem de maneira brutal os fundos de caderno do livro.

Por sua vez, o rompimento das charneiras está associado à tensão sofrida na abertura dos livros, pois se trata de um elemento que funciona como uma “dobradiça”, e por isso necessita de maleabilidade e espaço para exercer sua função técnico-mecânica de abertura, sem que essa tensão cause o seu rompimento. As tensões exercidas nessa área da encadernação desgastam não apenas o material de revestimento, mas também elementos estruturais como os cordões de sustentação, que acabam se rompendo em conjunto com o couro, e as guardas, que na maioria das vezes são as primeiras a serem afetadas.

⁶⁰ CONN, 1996.

O material de revestimento e as guardas, geralmente, são os primeiros elementos a se desgastarem, seja em encadernações revestidas em couro, papel, pergaminho ou tecidos, há de se ter cuidado em termos de variação de umidade e temperatura, pois estes são materiais higroscópicos, e oscilações ambientais agravam sua degradação.

“[...] peles, couros e pergaminhos devem ser protegidos de níveis extremos – excessivamente altos ou baixos – e flutuações de umidade. Quando submetidos a U.R. inferior a 30%, o couro desidrata e torna-se quebradiço, perdendo resistência e flexibilidade. Umidade relativa superior a 70% estimula o crescimento de microorganismos e a degradação por hidrólise das fibras do couro. As flutuações podem causar o enrijecimento do couro e/ou a migração de taninos de manufatura que tornam o couro escuro, opaco, quebradiço e pulverulento⁶¹. ”

O couro, assim como o pergaminho e os tecidos, pode se desidratar em seu processo natural de degradação, e o contato direto destes materiais de revestimento nas áreas de charneira (área extremamente tensionada pela abertura das pastas do livro) faz com que o processo de deterioração destes materiais acelere, e assim, o processo de degradação de um elemento material, passa a influenciar diretamente a estrutura mecânica do livro.

Pode-se afirmar que antes de 1960, quando há o registro das primeiras tentativas de reconexão entre charneiras rompidas e corpo da obra⁶², havia dois caminhos para o tratamento de livros que apresentavam esse desafio: o primeiro seria, lamentavelmente, reencadernar completamente o livro apenas por uma questão estética, sem considerar nenhuma de suas necessidades estruturais, enquanto que o segundo se caracterizava pela substituição do couro rompido, por um couro novo, mas fino, aplicado na região do dorso, que era, em seguida, integrado ao campo interno das pastas (*rebacking*).

O primeiro tratamento inutiliza qualquer tentativa de se entender o livro como objeto de estudo bibliológico, desmerecendo por completo a sua encadernação, numa substituição desvirtuada.

A grande questão relativa ao segundo tratamento, não é a sua técnica em si, pois se empregada para a tipologia certa de encadernação pode vir a ser uma ótima solução. A oposição levantada perante esse método tradicional diz respeito ao seu emprego sistemático, sem considerar o livro como estrutura física complexa, com suas características bibliológicas específicas. Portanto, o exercício impulsivo de ambas as técnicas encara as encadernações

⁶¹ SOUZA; FRONER, 2008.

⁶² CONN, 1996.

como elementos secundários do livro, excluindo possibilidades de se entender a concepção de determinada encadernação materialmente para, a partir daí, estabelecer metodologias de ação que possam utilizar seus elementos, e não omiti-los ou descartá-los por completo durante o processo de restauro.

Os tratamentos de conservação-restauração desenvolvidos a partir de 1960 para a problemática do rompimento de charneiras buscam envolver os elementos remanescentes das encadernações no processo de reestruturação do livro, sendo que, algumas técnicas utilizam determinados materiais apenas para consolidar os elementos fragilizados.

Identificamos, neste capítulo, algumas técnicas de conservação-restauração de livros encadernados com as charneiras rompidas, dentre elas incluímos a técnica tradicional *rebacking*, empregada antes de 1960, e que, como assinalamos, ainda hoje, dependendo da tipologia de degradação e da própria estrutura da encadernação, pode ser eventualmente empregada.

6.1 METODOLOGIA DESENVOLVIDA POR CAROLYN HORTON

A primeira técnica desenvolvida no sentido de resolver um problema de degradação causado por charneira rompida, em uma tipologia específica de encadernação, foi criada por Carolyn Horton⁶³ em 1960⁶⁴, que elaborou uma maneira de repor as pastas da encadernação sem fazer o uso do couro, mas sim, utilizando uma peça de tecido tingido aderido na região da charneira, pelo lado interno das pastas, como uma dobradiça suplementar.

O procedimento acontece da seguinte maneira:

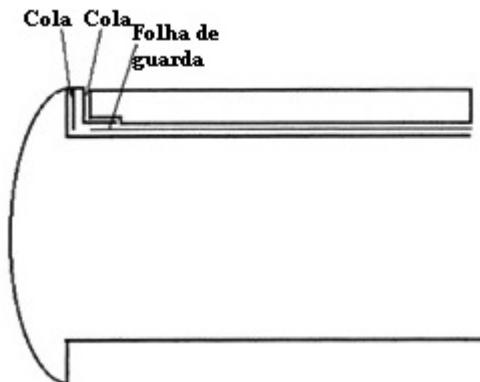
- Primeiro há a deposição de adesivo ao longo da área de charneira rompida para dar ao tecido uma base sólida.
- Depois o tecido é aderido às pastas, de modo que haja um nivelamento de altura entre as pastas e a área de colagem do tecido.

⁶³Carolyn Price Horton (1909-2001) foi uma encadernadora e conservadora conceituada que fez parte do *American Institute for Conservation* nos anos 70. (ELDRIDGE, 2002).

⁶⁴CONN, 1996.

- Em seguida, por dentro da pasta é feito um pequeno desgaste para que o tecido possa ser abrigado e colado naquele espaço determinado, e a pasta por sua vez é posicionada no livro.

Figura 30: Procedimento desenvolvido por Carolyn Horton



Fonte: Conn (1996).

As desvantagens deste método encontram-se na rigidez e no volume gerado pelo uso do tecido em uma parte interna da encadernação, que, de fato, não apresenta espaço para outros materiais, sobretudo quando falamos de estruturas do séc. XIX, cujos encaixes são milimétricos. Embora a utilização do método não tenha sido ampla, devido suas desvantagens e pouca eficácia num intervalo de tempo curto, esta inovadora técnica marcou uma mudança nos tratamentos de conservação desenvolvidos para encadernações. Se as propostas eram direcionadas para intervenções mais intrusivas e agressivas, caracterizadas pela reencadernação e pela substituição do revestimento da lombada, a partir da técnica desenvolvida por Carolyn Horton, a conservação das encadernações passa a ser apreendida como um método de estabilização dos elementos degradados individualmente, trazendo a consciência da mecânica das formas.

6.2 BOARD SLOTTING

Como explicitado, a partir da técnica desenvolvida por Carolyn Horton, outros profissionais desenvolveram métodos mais elaborados para resolver a questão das charneiras rompidas em diferentes tipologias de encadernação, como é o caso do procedimento *board slotting*⁶⁵.

Elaborada por Christopher Clarkson⁶⁶ em 1970, a técnica do *board slotting* somente foi divulgada em forma de artigo em 1992, nos anais da conferência do *The American Institute for Conservation* (AIC) em Manchester. O método foi instituído em 1994 na Biblioteca Bodleian, em Oxford, sob a responsabilidade de Edward Simpson⁶⁷.

Trata-se de uma técnica que vislumbra especialmente o rompimento de charneiras ocorrido em encadernações do séc. XIX e XX, de falso dorso, revestidas em couro fino, muito chanfrado, que incide no rompimento precoce da área de articulação. Como se trata de uma tipologia de encadernação comum nas bibliotecas, e como o rompimento das charneiras é uma degradação característica deste tipo de encadernação em particular, houve a tentativa de criar um método que fosse rápido e pudesse aprimorar um trabalho frequente nas instituições.

O *board slotting* consiste em um tratamento que pode ser dividido em três etapas:

1 - O tratamento do dorso: neste caso o revestimento do dorso deve ser completamente separado das pastas, caso já não esteja, e a partir daí, a lombada deve ser totalmente higienizada, com todos os materiais de revestimento e consolidação removidos. A técnica só pode ser realizada em livros com dorso completamente deteriorado ou em livros que possam ter o revestimento do dorso completamente levantado, como é o caso das encadernações do século XIX (por possuírem falso dorso).

Depois desta etapa, um tecido (os tecidos de linho ou algodão foram indicados para serem utilizados na técnica originalmente, mas o procedimento pode ser realizado com outros suportes) é aderido ao dorso do livro com sobras de ambos os lados. O tecido pode ser costurado com pequenos pontos nas laterais das charneiras, onde estarão o

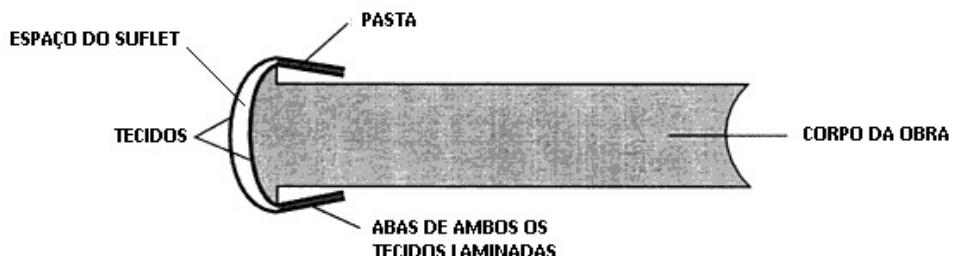
⁶⁵ Em tradução livre “fenda nas bordas”.

⁶⁶ Christopher Clarkson (1938-2017) foi um notável conservador-restaurador de encadernações, pergaminho, manuscritos e impressos, seu trabalho é referência na conservação-restauração de livros e documentos. (PICKWOAD, 2017).

⁶⁷ ZIMMERN, 2000.

primeiro e o último caderno. Dependendo das condições do dorso e de como é a abertura do livro, podemos aderir um *suflê*⁶⁸ sobre o tecido previamente colado, como sugerido por Zimmern em seu artigo sobre os procedimentos de *board slotting*⁶⁹. Se o uso do *suflê* for realizado, será necessária a colagem de um segundo tecido sobre o *suflê* e após a sua secagem, as abas dos dois tecidos devem ser coladas e prensadas, para resultar em uma laminação rígida.

Figura 31: Esquema de construção do dorso para o *board slotting*.



Fonte: Zimmern (2000).

- 2 - o tratamento das pastas: é necessário o uso de uma máquina fresadora (FIG. 32), ela será responsável por realizar a abertura lateral nas pastas para haver o encaixe das abas dos tecidos laminados. A espessura desse corte lateral pode depender muito do tamanho e do material das pastas⁷⁰.

⁶⁸ O *suflê* é produto da dobra de um papel no sentido de seu comprimento em três partes iguais, sendo estas a espessura do dorso, a partir desta dobra, o papel é colado em suas pontas, com um material em seu interior que não permita a colagem do seu interior, produzindo uma espécie de “bolso”. Assim, uma extremidade do papel pode ser colada ao dorso do corpo da obra e a outra no material de revestimento. O emprego do *suflê* permite a montagem de um dorso flexível e resistente para as encadernações, evitando as tensões causadas pela abertura de livros. É um tratamento muito útil para interromper esse processo em encadernações que já sofreram essas tensões. (TERRA, 2014).

⁶⁹ ZIMMERN, 2000.

⁷⁰ CLARKSON, 1993.

Figura 32: Máquina Fresadora



Fonte: *Board Slotting* (2014).

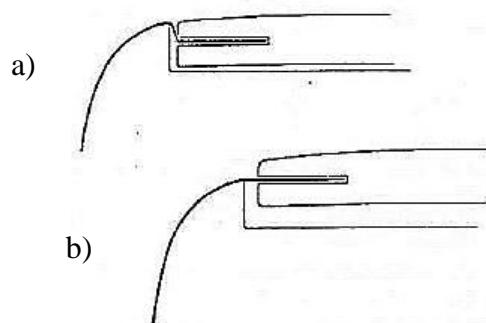
Figura 33: Fenda sendo realizada.



Fonte: *Board Slotting* (2014).

Geralmente a fenda (FIG. 33) deve ser realizada com uma angulação que permita o encaixe do tecido laminado com facilidade. Os testes realizados por Clarkson, utilizando uma fenda horizontal no livro, demonstraram que o encaixe da pasta na área de charneira seria prejudicado havendo uma movimentação (FIG. 34), e consequentemente, a pasta seria levantada, o que o levou a fazer uma fenda diagonal (FIG. 35).

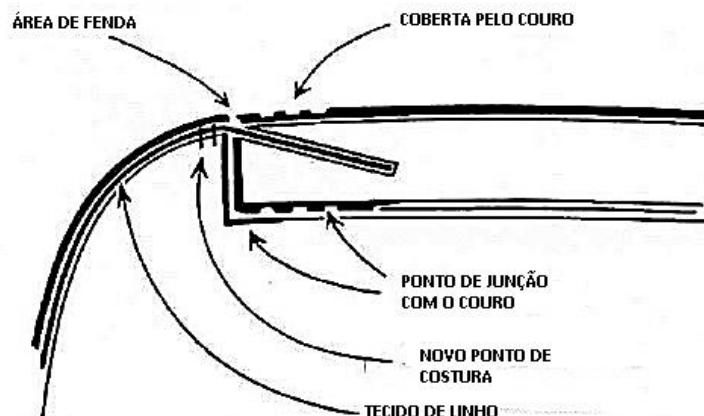
Figura 34: Movimentação do encaixe da pasta



Legenda: a) Pasta encaixada com a fenda horizontal; b) Movimentação causada na área de encaixe devido à abertura do livro.

Fonte: Clarkson (1993).

Figura 35: Tratamento *board slotting* finalizado



Fonte: Clarkson (1993).

- 3 - A reconexão das pastas: o tecido anteriormente colado no dorso e laminado em suas abas irá fazer a reconexão entre o corpo da obra e suas pastas. As abas devem ser recortadas na mesma profundidade da fenda para o seu encaixe. O adesivo pode ser depositado na fenda com o auxílio de uma seringa ou uma espátula fina, e, por fim, o livro é colocado sob uma prensa para a colagem e secagem do procedimento.

A durabilidade desta técnica no tratamento das encadernações depende principalmente do tipo de adesivo e material utilizados. Uma grande desvantagem do procedimento é o uso da máquina de fresadora, que encarece o procedimento, mas que, pode, contudo, ser substituída, para que a técnica seja realizada manualmente com o uso de um bisturi, de acordo com a resistência mecânica do cartão. É preciso ter em mente que, por mais que a colagem dos materiais à pasta seja reversível, a fenda realizada em sua lateral é uma intervenção bastante agressiva, alterando permanentemente a encadernação.

6.3 JOINT TACKETING

Em 1980, Anthony Cains⁷¹ iniciou o projeto *Long Room* realizado no *Trinity College* de Dublin, na Irlanda. O projeto demandou a Cains o desenvolvimento de uma nova metodologia

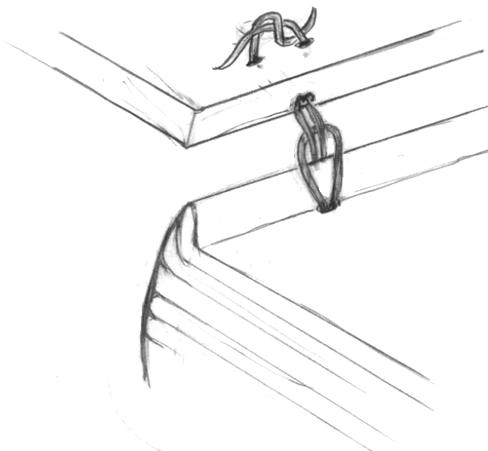
⁷¹ Anthony Cains é um conservador-restaurador, hoje aposentado, contemporâneo de Clarkson. Ele trabalhou no Trinity College Dublin até 2002, tendo estabelecido o laboratório de conservação da instituição em 1974. (ICRI Conservation, 2017).

para reconectar as pastas ao dorso do livro, e, neste contexto, o método *joint tacketing* foi estabelecido como uma medida temporária capaz de manter a estrutura da encadernação em funcionamento até que tratamentos de restauração mais profundos pudessem ser realizados, embora tenha se tornado um procedimento amplamente utilizado para a conservação de coleções especiais⁷².

Trata-se de um procedimento que pode ser aplicado tanto para encadernações de falso dorso como para encadernações de dorso aderido, mas não é recomendada para encadernações de editor, a técnica recupera o movimento total das pastas e não interfere esteticamente nas encadernações para as quais esta técnica é recomendada, cujas charneiras são marcadas pela presença de um vinco bastante expressivo que separa o dorso das pastas⁷³.

A metodologia desse novo procedimento consiste em reconectar as pastas ao dorso do livro através de um ponto de costura iniciado no dorso, que passa pelas pastas, terminando com uma laçada (FIG.36).

Figura 36: Joint tacketing – laçada.



Fonte: Anderson (2017).

Para a realização desta técnica é necessário que o dorso do livro seja bem consolidado, pois a eficácia do tratamento dependerá de uma estrutura de dorso firme, capaz de suportar a pressão do fio que unirá as suas partes. Quanto às modalidades de dorso aderido em boas condições, não é necessário que se levante todo o couro para a inserção dos novos pontos de sustentação

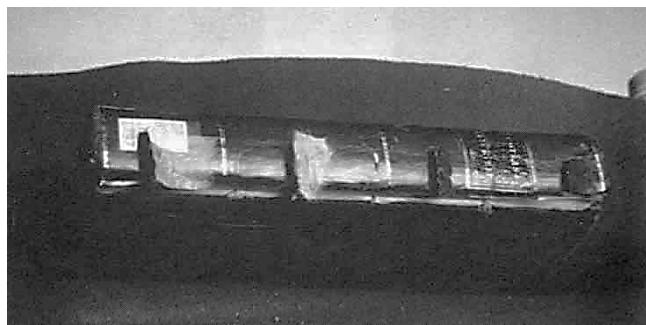
⁷² CONN, 1996.

⁷³ ESPINOSA; BARRIOS, 1991.

da pasta. Em seu artigo sobre a técnica *joint tacketing*, Espinosa (1991) sugere que sejam feitas aberturas no dorso por cortes em suas laterais (FIG.37) e, caso o dorso apresente muita fragilidade, que seja realizado um faceamento antes de levantar o material de revestimento.

Assim, à guisa de preparação, em uma tentativa de gerar maior unidade ao dorso, uma tira de papel japonês é aderida em ambas as áreas de cavidade interior da charneira gerada pelo encaixe do corpo da obra (FIG.38), e para dar mais estrutura ao procedimento, as tiras de papel japonês não devem ser coladas no dorso propriamente, mas sim no limite entre dorso e o primeiro e último cadernos.

Figura 37: Aberturas realizadas no dorso aderido.



Fonte: Espinosa (1991).

Figura 38: Papel japonês nas laterais das charneiras.



Fonte: Espinosa (1991).

Após esse procedimento, as áreas das cavidades internas da charneira são, em um procedimento bastante agressivo, perfuradas com uma sovela de acordo com a quantidade de cordões de sustentação que a obra já possui (FIG.39), e, de modo geral, a quantidade de furos dependerá também do tamanho da obra.

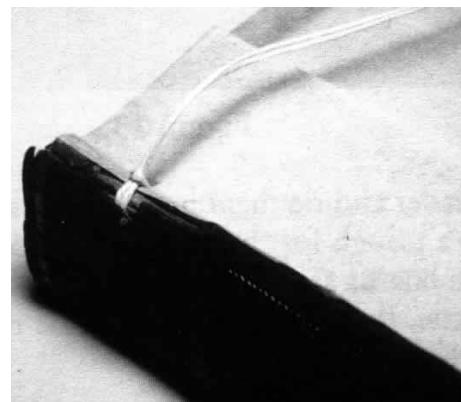
Figura 39: Corpo da obra sendo perfurado.



Fonte: Espinosa (1991).

Então, com o corpo da obra já perfurado, o processo de empaste é iniciado, sendo que cada ponto recebe uma laçada com o fio dobrado ao meio (FIG.40), passando por dentro de si mesmo, deixando as duas pontas soltas para serem utilizadas na junção das capas (FIG. 41).

Figura 40: Laçada realizado na charneira do corpo da obra.



Fonte: Espinosa (1991).

Figura 41: Pontos de sustentação sendo preparados.



Fonte: Espinosa (1991).

Assim, o procedimento do corpo da obra está finalizado, e a preparação das pastas é iniciada, sendo perfuradas na mesma posição dos pontos já realizados no corpo da obra (FIG. 42) para a passagem dos fios, evitando deslocamentos (FIG. 43).

Figura 42: Perfurações pontuais nas pastas



Fonte: Espinosa (1991).

Figura 43: Passagem dos cordões de união entre pastas e corpo da obra.



Fonte: Espinosa (1991).

Depois de realizada a passagem dos fios deve ser feita uma laçada para finalizar a união das pastas ao corpo da obra. A tira de papel japonês interna torna o procedimento mais estético, sendo colada após a intervenção sobre os locais onde as laçadas foram realizadas, proporcionando melhor acabamento (FIG. 44).

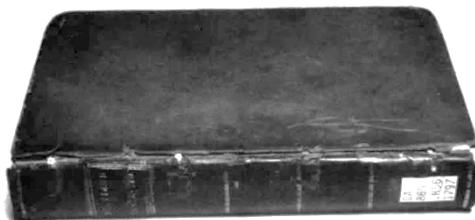
Em casos de uma intervenção mais cuidadosa em termos de estética, é preferível que haja sobreposição de uma tira de couro bem fina para camuflar o procedimento realizado externamente (FIG. 46).

Figura 44: Após a colagem do papel japonês



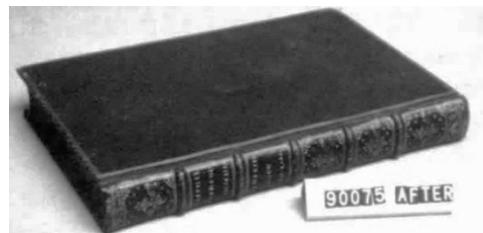
Fonte: Espinosa (1991).

Figura 45: Antes da sobreposição do couro



Fonte: Espinosa (1991).

Figura 46: Após sobreposição de tira de couro.



Fonte: Espinosa (1991).

6.4 EXTENSÃO DOS SUPORTES DE COSTURA

O método de extensão dos suportes de costura possui diversas variações, as mais utilizadas buscam ou prolongar os cordões de sustentação já existentes no livro, para que, a partir daí, eles possam ser levados às pastas, ou incluir novos pontos de sustentação para as pastas como no *joint tacketing*. Contudo, estes não precisam ser realizados com furos nas encadernações, pois os cordões podem ser simplesmente colados ou enroscados nos suportes antigos, para que haja o prolongamento dos fios. Os materiais mais utilizados para o prolongamento dos fios de costura costumam ser os cordões de cânhamo e linho, o primeiro ainda mais, pois permite maior desbaste de seus fios, facilitando a colagem aos cordões originais da encadernação.

Como a técnica busca o prolongamento dos cordões de sustentação já existentes (FIG. 47), necessita de livros, cujos materiais de revestimento do dorso possam ser removidos, deixando o dorso aparente. Esta técnica geralmente é combinada com outras e utilizada como componente de um tratamento mais extenso⁷⁴.

Figura 47: Exemplo de uma extensão dos suportes de costura.



Fonte: *Board Reattachment* (2017).

6.5 MÉTODO DO PAPEL JAPONÊS DE DON ETHERINGTON

Os métodos de tratamento de charneira rompida realizados com o papel japonês começaram a ser estabelecidos em 1980. Especificamente, duas metodologias passaram a ser utilizadas em coleções especiais, uma desenvolvida por Don Etherington⁷⁵ e outra por David Brock⁷⁶, sendo a primeira mais conhecida e utilizada⁷⁷.

A técnica consiste em utilizar o papel japonês, geralmente tingido, para a colagem externa na área de charneira rompida (o adesivo utilizado originalmente por Etherington foi Klucel diluído em etanol). Para a realização deste método é importante, consolidar o couro do livro por inteiro para não haver diferenças de coloração ou descamações. O livro deve secar com a capa aberta, em seguida se utiliza outra tira de papel japonês para fazer uma charneira interna. Para a charneira externa Etherington aplica uma camada de cera microcristalina sobre a tira de papel japonês para que este fique com uma aparência fiel ao couro.

Etherington justifica o tratamento com papel japonês, devido à força deste suporte, a aplicação de uma folha de papel japonês interna e outra externa já é suficiente para unificar o

⁷⁴ ANDERSON; PUGLIA; REIDEL, 2017.

⁷⁵ Don Etherington é diretor do Programa de Restauração de Livros na Academia Americana de Encadernação, possui mais de 60 anos de atuação no campo de conservação-restauração de livros e documentos. (D&M, 2017).

⁷⁶ David Brock é conservador de livros raros e atua na Universidade de Stanford. (STANFORD NEWS, 2017).

⁷⁷ CONN, 1996.

rompimento da charneira, e, além disso, é um método de intervenção que não incide fortemente na estrutura da encadernação⁷⁸, embora altere, sem dúvida, sua mecânica geral.

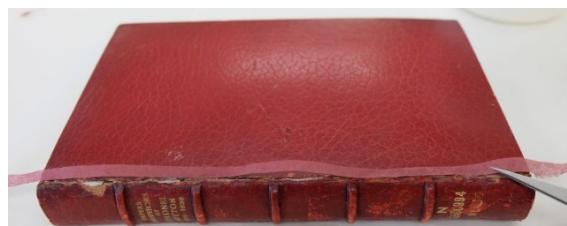
A técnica é muito empregada em livros que não excedem as dimensões de um in-oitavo, de fato, é bastante popular para essa categoria de formato bibliográfico. É extremamente eficaz para aliviar a tensão de livros com a charneira muito apertada, trazendo maleabilidade para esta área da encadernação⁷⁹.

Figura 48: Livro com charneira rompida.



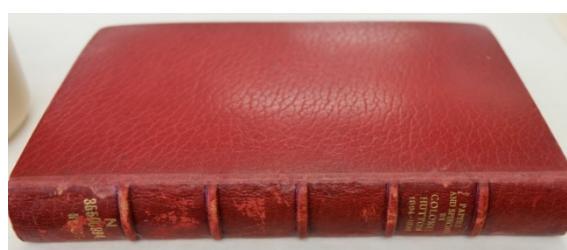
Fonte: Merrel (2016).

Figura 49: Papel japonês tingido e previamente cortado



Fonte: Merrel (2016).

Figura 50: Papel japonês aderido externamente à charneira.



Fonte: Merrel (2016).

⁷⁸ ETHERINGTON, 1995.

⁷⁹ CONN, 1996.

Figura 51: Aplicação de cera para dissimular o papel japonês



Fonte: Merrel (2016).

6.6 MÉTODO DO PAPEL JAPONÊS DE DAVID BROCK

Segundo Donnia Conn⁸⁰, a metodologia desenvolvida por David Brock foi apresentada pela primeira vez em uma reunião informal do AIC em 1991, no entanto, também é possível encontrar um pequeno artigo de David Brock⁸¹, dez anos depois, apresentando outra técnica que utiliza o papel japonês ou tecido.

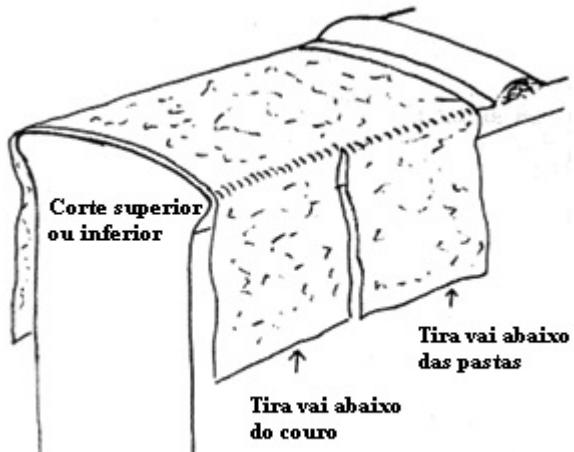
A metodologia de Brock, também conhecida como *Split Linen Flange*, foi utilizada por durante dois anos na Universidade Stanford, e apresenta mais inovações em termos de reforço mecânico para a charneira, porque a técnica busca construir uma espécie de dobradiça com o suporte, seja ele papel japonês ou tecido.

Para realizar o procedimento, é necessário que o material de revestimento do dorso e pastas do livro seja levantado na região da charneira, áreas que devem ser limpas de todo resquício de material. Sobre o dorso é colada uma tira de papel japonês, que possui função de solidificação e prepara o dorso para a colagem do segundo material (tecido ou papel japonês). A segunda tira de papel japonês possui um espaço maior em ambas as laterais do livro, depois de colada a segunda camada de material no dorso, as abas que ficam para fora devem ser cortadas horizontalmente, elas deverão ser encaixadas nas pastas do livro. O encaixe das tiras deve ser feito intercalando a sua posição, ou seja, uma tira por baixo do encaixe da charneira externa e outra por baixo do encaixe da charneira interna (FIG.52).

⁸⁰ CONN, 1996.

⁸¹ BROCK, 2001.

Figura 52: Esquema de construção do *Split linen flange*.



Fonte: Brock (2001).

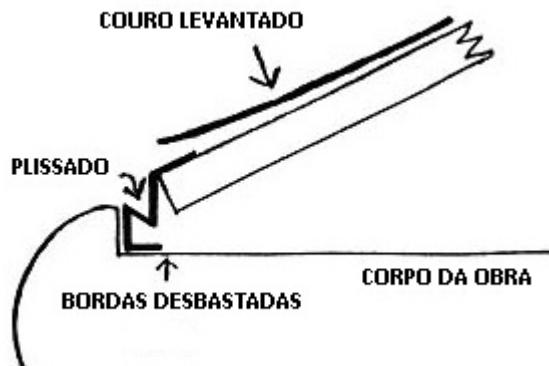
6.7 PLEATED PAPER HINGE

Técnica mencionada pelo *American Institute for Conservation*⁸², a *pleated paper hinge*, possui elementos de construção similares à de Carolyn Horton. No entanto, alguns tratamentos realizados para o tratamento de charneiras rompidas, buscam em técnicas já existentes maneiras de aprimorar algum elemento pertencente à metodologia, ou modificar determinado material para uma categoria específica de encadernação. Enfim, de maneira geral podemos afirmar que ao se tratar de estruturas encadernadas, devemos estar atentos às soluções de seus “problemas” estudando sua construção mecânica, e, além disso, averiguando os materiais empregados em cada metodologia de maneira exata, pois a mecânica da encadernação depende de uma engenharia de materiais inerente a ela.

Esta técnica consiste na aplicação do papel japonês na charneira interna do corpo do livro, que, depois de colado nessa região, é dobrado na área da cavidade, e, mais uma vez fixado sob o material de revestimento (FIG. 53).

⁸² ANDERSON; PUGLIA; REIDEL, 2017.

Figura 53: Pleated paper hinge (dobradiça plissada de papel).



Fonte: *Board Attachment* (2017).

6.8 INSIDE CLOTH HINGE

Essa metodologia traz, assim como o *joint tacking*, a combinação da costura das pastas ao corpo da obra, em conjunto com o uso do papel japonês (ou de tecido), mas desta vez apenas no interior das pastas.

Esta técnica consiste no uso do papel japonês (ou tecido) dobrado ao meio e encaixado na área interna da charneira do corpo da obra, onde será realizada uma costura de ponto reto unindo as pastas ao corpo da obra. E assim que finalizada a costura, o papel japonês é inserido internamente nas pastas.

Essa metodologia, também, bastante agressiva, por perfurar toda a região do encaixe por meio do procedimento da costura, traz uma união estritamente interna na área das charneiras dos livros, e por isso, é indicado pela bibliografia para livros com a área externa em boas condições. O emprego desta técnica deixa à mostra o papel japonês, que inevitavelmente será colado a uma das folhas de guarda, e por isso, se faz necessário que o papel utilizado seja de cor semelhante às folhas de guarda, para minimizar o contraste.

Figura 54: Inside cloth hinge.



Fonte: Ibookbinding (2017).

6.9 REBACKING

Esta técnica é uma das mais antigas no reparo de livros com as pastas separadas do corpo da obra. O principal componente desta técnica é o revestimento do dorso por um novo material que irá unir as pastas dos livros. Em geral o material de revestimento do dorso antigo é retirado, para depois haver a aplicação de um novo material, este será aderido por meio de adesivo, tanto às pastas quanto ao dorso do livro.

É comum que esse procedimento esteja associado a livros de grande formato que tenham uma encadernação de editor, por exemplo, pois, este tipo de encadernação geralmente apresenta uma degradação muito grande no dorso e nas áreas de charneira, fazendo com que uma consolidação forte seja realizada no dorso e nas charneiras, para que a estrutura volte a ter maleabilidade e solidez em sua abertura.

Esta metodologia pode ser realizada parcialmente em casos de perdas de material apenas na cabeça e pé do livro, basta utilizar o material de revestimento pontualmente em cada área de consolidação. A principal problemática dessa tipologia de tratamento está na possibilidade de gerar perda material do revestimento original do dorso, uma vez que necessita da remoção temporária total. Contudo, depois de implementado o material de consolidação, o material original do dorso volta para o seu espaço de origem, sendo fixado sobre o novo material, que deve, é claro, ser flexível (FIG. 55).

Figura 55: Rebacking.



Fonte: Reback (2017).

As técnicas de restauração para obras que apresentam charneiras rompidas podem ser combinadas, repensadas e realizadas com diferentes materiais. A partir daí, evoluem para a criação de um *corpus* que compila procedimentos e degradações de diversas maneiras diferentes, com tipologias de encadernações específicas, e assim o avanço nos tratamentos para a restauração de encadernações é realizado.

7 INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO

A conservação-restauração das obras aqui apresentadas tem como principal objetivo o reestabelecimento da função de cada uma das encadernações, para isso, a ação foi direcionada especialmente para as charneiras dos livros, área de degradação comum entre eles.

Cada livro recebeu um tratamento condizente com o seu tipo de encadernação, analisando sempre o comportamento de sua estrutura e os materiais que seriam empregados para facilitar o tratamento.

Em virtude das diferentes obras e, consequentemente, distintos estados de conservação, alguns livros tiveram uma intervenção maior no corpo da obra, principalmente nas folhas de guarda e no frontispício, áreas mais afetadas pelo rompimento das charneiras e que, por seu acesso fácil, ficam extremamente vulneráveis.

7.1 *DE LA SAGESSE: TROIS LIVRES*

O tratamento desta obra foi realizado, inicialmente, no corpo do livro e depois na estrutura da encadernação. Por todo o corpo do livro foi realizado o procedimento de limpeza mecânica com trincha macia (FIG. 56), e nas áreas de corte, foi utilizado o pó de borracha para limpeza. Também foi necessária uma ação mais específica no frontispício do livro, onde foi feito um tamponamento, bem como uma velatura.

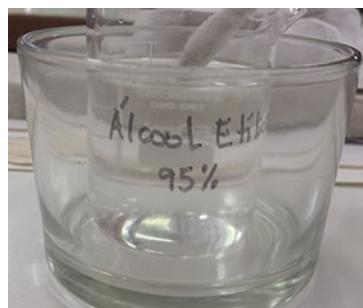
Figura 56: Livro preparado para limpeza mecânica.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Após a higienização do corpo da obra, deu-se início à limpeza do couro de revestimento, extremamente sensível à umidade, pois diversas áreas se encontravam quebradiças e pulverulentas, especialmente a região da lombada. Como meio de limpeza do couro, foi adotado o Álcool Etílico 95% (FIG. 57), por ser um material volátil, potente na limpeza de sujidades e que não possui componentes desconhecidos como os encontrados nos sabões em pasta e ceras de limpeza de couro internacionais.

Figura 57: Álcool etílico.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 58: Limpeza do couro.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 59: Resultado da limpeza nos algodões.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Após a limpeza do corpo da obra e do couro, foi realizada a remoção de adesivo nas folhas de guarda da encadernação, procedimento realizado com o auxílio de um bisturi, Methylcelulose a 5% e água deionizada.

As tentativas iniciais foram de retirar o adesivo e o papel adherido pela sua delaminação a seco (FIG. 61), mas logo foi observado que essa metodologia poderia prejudicar a estrutura do suporte, sendo preferível utilizar a Methylcelulose para sensibilizar a área com o papel adherido e, em seguida, com o auxílio do bisturi o papel foi retirado com maior facilidade (FIG. 63). Após retirar o papel adherido do fundo de caderno da folha de guarda, utilizamos água deionizada para remover os resquícios de Methylcelulose que poderiam enrijecer o fundo de caderno.

Figura 60: Fundo de caderno da folha de guarda com resquícios de cola e papel do frontispício.



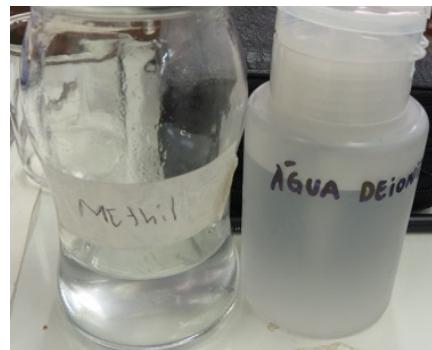
Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 61: Tentativa de remoção à seco com bisturi.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 62: Methylcelulose a 5% e água deionizada



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 63: Limpeza de resquícios do papel



Legenda: a) sensibilização da camada de papel aderida ao fundo de caderno; b) remoção da camada de papel com bisturi; c) remoção finalizada.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Após preparar a folha de guarda solta, foi possível observar que o fundo de caderno do bifólio da folha de guarda estava extremamente desgastado, por isso, optou-se pela aplicação de uma carcela de papel japonês Kozo 10 gramas de aproximadamente 4 mm, tamanho suficiente para aderir e consolidar o local sem trazer tensão para o bifólio (FIG. 64).

Figura 64: Aplicação de papel japonês Kozo 10 grs no fundo de caderno da folha de guarda.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Após esse procedimento, passamos para a intervenção do frontispício da obra. Por haver muitas manchas d'água e considerar que, embora estivesse com seus cantos fragilizados, o

papel apresentava uma estrutura celulósica resistente, optamos, depois de efetivar testes de solubilidade e resistência mecânica, por realizar um tamponamento⁸³. Após retirar o excesso de umidade do fólio, e aproveitando a umidade presente, foi realizada uma velatura direta⁸⁴, no verso do fólio, com cola de amido Lineco a uma concentração de 3:1 em água e papel japonês Kozo 10 gramas para estagnar o processo de degradação dos cantos do fólio e trazer mais solidez a ele, pois se trata de um elemento, que por estar no início do livro, possui excessiva manipulação. Após a planificação, as abas de papel japonês remanescentes foram cortadas, e apenas uma aba foi utilizada para a colagem do frontispício no dorso do livro.

Figura 65: Velatura do frontispício



Legenda: a) velatura direta em processo de secagem b) frontispício preparado e seco c) aba remanescente para colagem no dorso.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Posteriormente, foi realizada a limpeza do dorso (FIG. 66) para que a colagem da aba de papel japonês fosse realizada. Esta primeira limpeza do dorso foi realizada apenas na área de

⁸³ O tamponamento consiste na técnica de se encharcar algumas folhas de papel mata-borrão em água deionizada, envolver o documento ou obra com um perlon e pressionar a folha contra o papel umedecido, trocando os papeis conforme forem ficando sujos com as manchas da obra sendo tratada. Depois deste processo, a obra é pressionada contra papeis mata-borrão secos para que o excesso de umidade seja retirado. A secagem do papel é realizada de modo controlado, ou seja, sob peso, envolvida com perlon e mata-borrão seco. (VELOSO, 2014).

⁸⁴ A velatura direta consiste no processo em que o papel é aspergido com água, tendo o perlon como apoio, quaisquer rugosidades são planificadas com a espátula de teflon e, então, o papel japonês é depositado delicadamente sobre a folha úmida. A cola de amido é pincelada com uma trincha macia sobre o papel japonês e consequentemente, sobre a obra, unindo ambos, a obra e o papel japonês. O excesso de cola é retirado primeiro com uma espátula e depois com um perlon limpo, que em seguida é descartado. O papel japonês é transferido para um perlon limpo, e para a secagem, é realizada uma planificação com camadas de perlon e mata-borrão. (TERRA, 2014).

colagem da aba de papel japonês, retirando excessos de material aderido para que esse espaço de 4 mm de aba fosse integrado ao local.

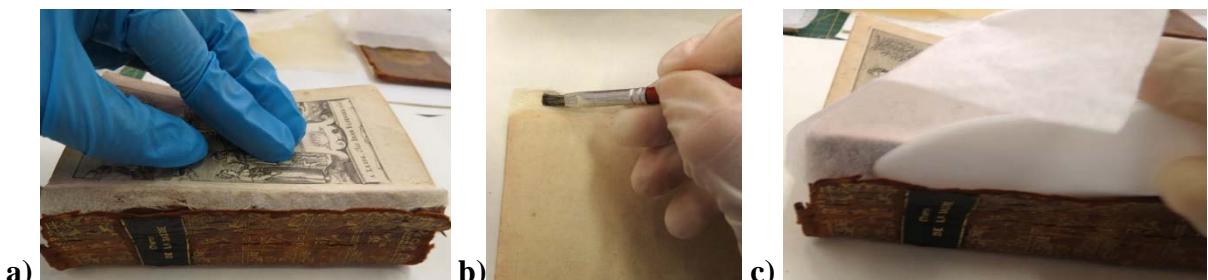
Figura 66: Limpeza do local de colagem da aba de papel japonês no dorso



Fonte: Acervo da autora (2017).

O fólio foi encaixado sobre o livro antes da colagem, a fim de estabelecer uma memória mecânica sobre o papel japonês, desta maneira, quando realizada em definitivo a colagem reagiu de forma natural sobre o livro (FIG. 67).

Figura 67: Colagem do frontispício

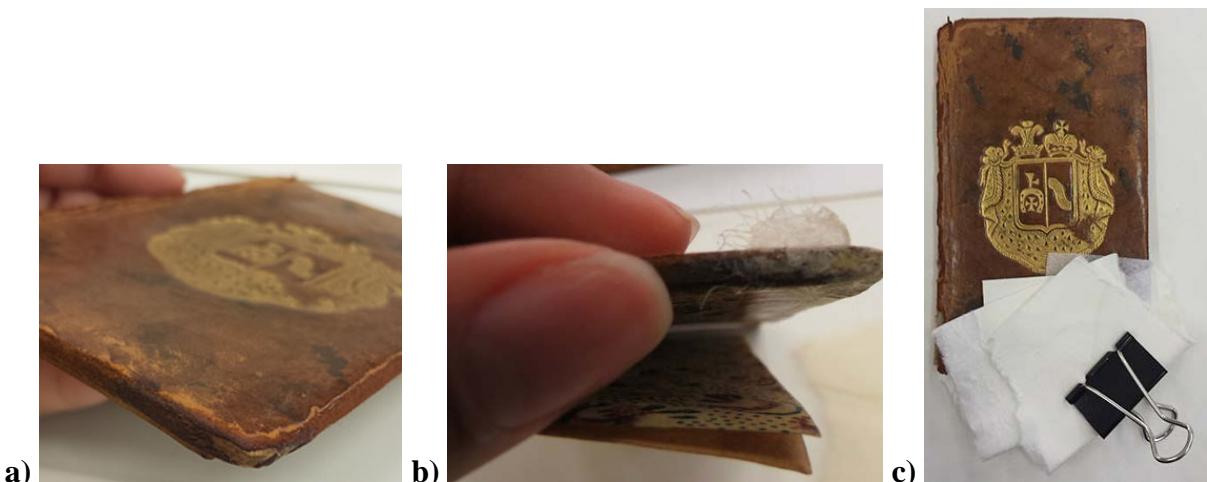


Legenda: a) procedimento de encaixe da folha antes da colagem; b e c) procedimento de colagem definitiva.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Os procedimentos realizados no exterior do livro tiveram início nas pastas, utilizando cola de amido (Lineco com concentração de 3:1) e pressão pontual com a ajuda de um alicate, para consolidar os cantos, que se encontravam fragilizados. Após a secagem deste procedimento finalizamos a consolidação com a aplicação de papel japonês Kozo 10 gramas nas áreas mais fragilizadas. Assim, os cantos foram prensados com uma presilha como demonstra a (FIG.68c).

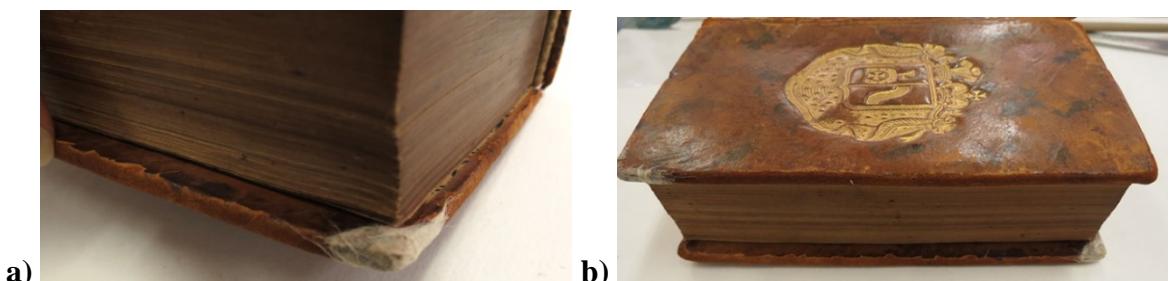
Figura 68: Tratamento dos cantos



Legenda: a) laminação de canto realizada; b) aplicação de papel japonês sobre os cantos; c) prensagem dos cantos.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 69: Tratamento de canto finalizado



Legenda: a) resultado final de consolidação de canto; b) ambos os cantos da encadernação consolidados.

Fonte: Acervo da autora (2017).

A finalização das pastas deu início ao processo mais relevante desta encadernação, que apresentava um problema de desgaste do dorso em função da movimentação constante do couro em uma estrutura que, apesar de não possuir nervos, é caracterizada como lombo aderido. De fato, a região estava muito quebradiça, qualquer movimento brusco era suficiente para a quebra do material. Dessa forma, a metodologia que utilizamos nesta encadernação buscou primeiro, estabilizar o dorso, e depois controlar a abertura do livro por meio de um *suflê*.

Para a realização do processo, o couro de revestimento foi completamente separado do dorso (FIG. 70), permitindo a estabilização por meio da laminação com papel japonês. Depois de completamente solto de um dos lados da encadernação, o dorso foi limpo com o uso de uma espátula e uma trincha macia, em seguida para nivelar ainda mais, uma lixa d'água 220 foi

utilizada para desgastar os resquícios aderidos ao dorso, conferindo uma superfície lisa e estável (FIG. 72).

Figura 70: Processo de desgaste do couro do dorso com espátula.



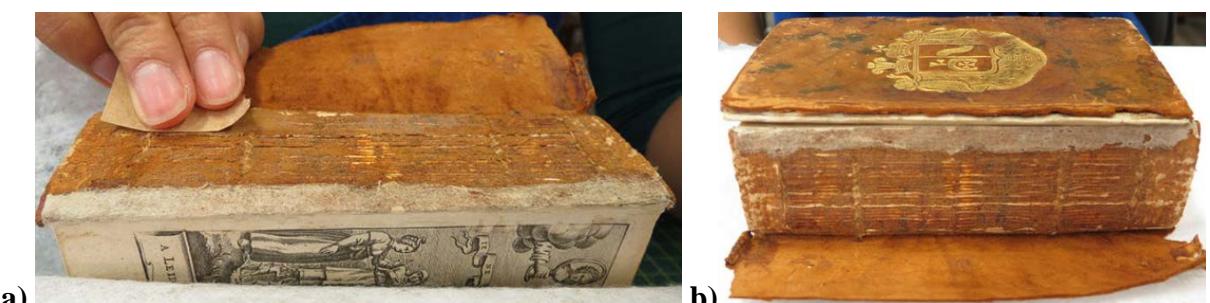
Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 71: Dorso aberto com o material desgastado.



Fonte: Acervo da autora (2017).

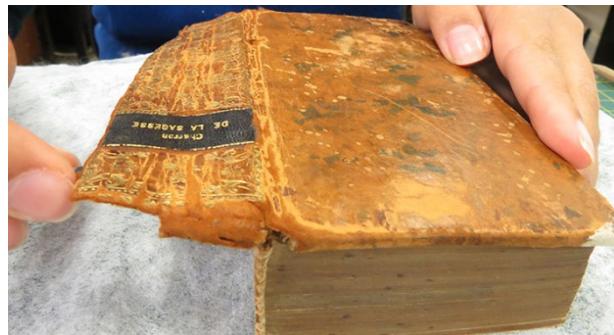
Figura 72: Preparo do dorso



Legenda: a) lixa 220 sobre a superfície do dorso; b) dorso preparado para receber adesivo
Fonte: Acervo da autora (2017).

Para conseguir realizar um procedimento preventivo na charneira inferior da encadernação, o couro desta área foi também delaminado, este procedimento buscou ser o mais delicado possível, para que o couro fosse levantado das pastas sem danos (FIG. 73).

Figura 73: Couro sendo levantado na charneira inferior



Fonte: Acervo da autora (2017).

A partir da limpeza desta área, realizamos então a laminação com cola de amido (Lineco 3:1) e papel japonês Kozo de 17 gramas, previamente medido, cortado e desbastado nas suas extremidades para fazer o perfeito encaixe entre as três partes da encadernação: pastas superiores e inferiores e dorso (FIG. 74). Assim que realizada a colagem por dentro da charneira inferior foi necessário esperar a secagem do procedimento sobre peso antes de dar continuidade à laminação, com o intuito de não gerar tensão entre as três partes no momento da secagem.

Figura 74: Estabilização de dorso e charneiras



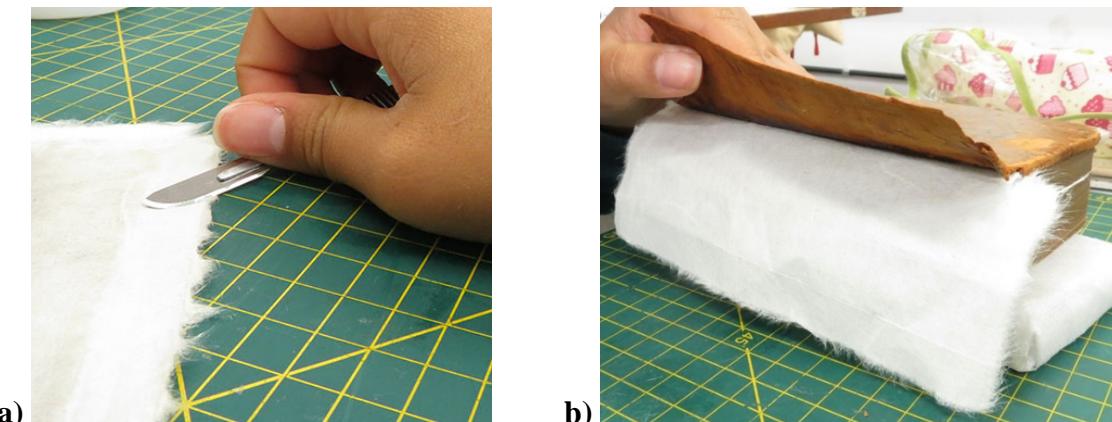
Legenda: a) cola de amido concentração 3:1; b) aplicação da cola de amido na charneira inferior.

Fonte: Acervo da autora (2017).

A colagem do papel japonês no dorso da encadernação, embora tenha sido feita internamente, estabilizou o couro do dorso na sua parte exterior, mais fragilizada. Contudo, como o couro aderido ao dorso daria continuidade ao processo de fragilização já avançado, optamos pela aplicação de um suflê ou bolso, como uma interface estrutural de mediação entre o dorso e o

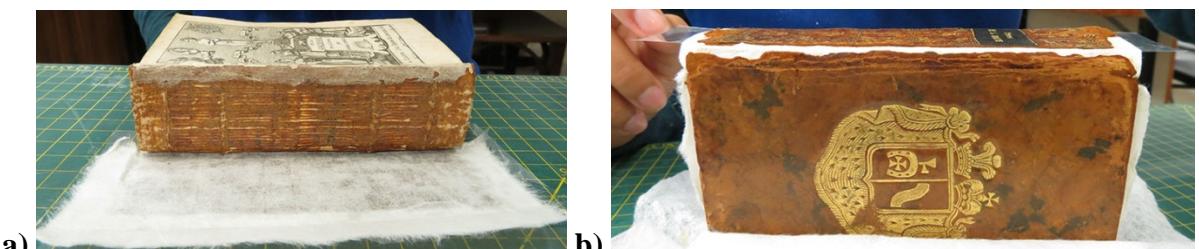
couro de revestimento. O que colaborou para controlar a abertura do livro e para distribuir a tensão de abertura. O suflê foi montado fora do dorso e posteriormente, possibilitando, enfim, a passagem do papel japonês para a pasta superior, última etapa do procedimento anterior.

Figura 75: Preparo e encaixe do papel japonês para as pastas



Legenda: a) delaminação do papel japonês; b) encaixe do papel japonês para colagem.
Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 76: Colagem do papel japonês e suflê

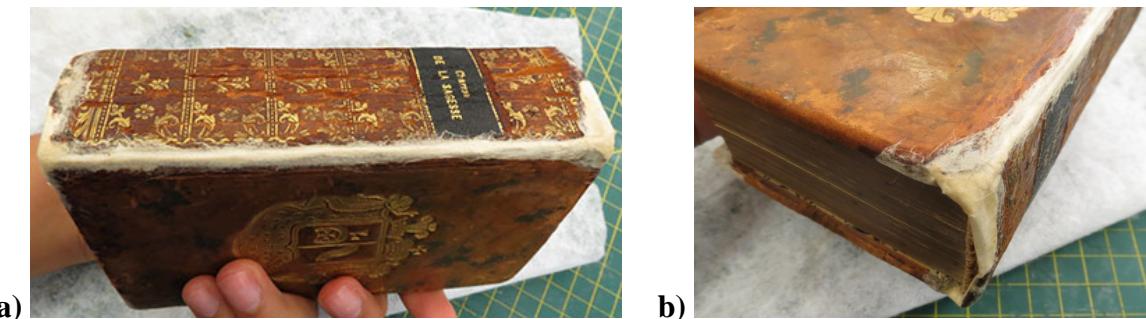


Legenda: a) colagem do papel japonês no revestimento do dorso; b) livro fechado com o suflê já colado em seu interior.
Fonte: Acervo da autora (2017).

A secagem do duplo procedimento realizado nas pastas e no dorso da encadernação nos permitiu visualizar o resultado do livro, e como esperado as áreas onde o couro da encadernação estava mais degradada, apresentaram diferenças de nivelamento na colagem do papel japonês, sendo assim, foi aplicado um papel japonês Kozo 10 gramas novamente com amido (Lineco 3:1) sobre a área de charneira externa, e todas as demais áreas da encadernação que trouxessem alguma diferença de nível em relação ao couro. Observa-se que neste procedimento convocamos uma técnica parecida com a primeira etapa do *board slotting*, que trata da preparação do dorso, no entanto, neste caso, utilizamos a consolidação do dorso com o papel japonês como um procedimento final de consolidação entre dorso e charneiras. E convocamos também, a técnica de Don Etherington com a consolidação das charneiras

utilizando um papel japonês externo. Embora a utilização das carcelas externas de papel japonês tenha sido realizada por motivos de estética, o reforço do papel japonês nesta área, torna região das charneiras mais resistente às tensões mecânicas futuras sem que haja rigidez.

Figura 77: Cobertura externa com papel japonês



Legenda: a) áreas desniveladas cobertas com papel japonês Kozo 10 gramas; b) detalhe da coifa também nivelada com papel japonês mais fino.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Depois de seco, o procedimento foi visivelmente satisfatório, a encadernação continuou compacta, sem volumes indesejados no dorso, e sua abertura ficou limitada ao campo de abertura do suflê. A integração das pastas nos fez perceber a necessidade consolidar algumas regiões caracterizadas entre os cadernos de formação do corpo da obra, no interior do livro. Consolidação que foi realizada com a colagem de duas carcelas de papel japonês Kozo 10 gramas, uma entre o frontispício e a folha de guarda e outra entre o verso do frontispício e a folha de apresentação do livro, ambas as carcelas foram colocadas com 3 mm de espessura, apenas para assegurar a estética na abertura da encadernação.

Após a finalização e secagem destes procedimentos, passamos para a fase de reintegração cromática, realizada apenas na área de intervenção com papel japonês. Para isso foi utilizada Methylcelulose a 5% e tinta acrílica da Winsor & Newton nas cores: terra siena, vermelho ocre, amarelo winsor e vermelho de cadmio. Por meio do uso destas cores, conseguimos nos aproximar da pigmentação do couro da encadernação e ao misturar a tinta com a Methylcelulose, estabelecemos uma aplicação mais natural sobre o papel japonês, além de criar um meio de suspensão. As quantidades destes materiais podem variar muito, tudo vai depender da aproximação da cor feita à tonalidade da obra. Em nosso caso, a tinta foi aplicada com pouca concentração de início, e gradualmente a concentração aumentou, para potencializar o seu poder de cobertura.

Figura 78: Livro após a reintegração cromática e o procedimento realizado.



Fonte: Acervo da autora (2017).

7.2 SENECA

Os procedimentos nesta encadernação foram sucintos, visto que a sua principal degradação era realmente o rompimento da charneira superior. O livro passou, é claro, por processo de higienização com o auxílio de trincha e borracha. Após sua higienização interna, foi aplicado Álcool Etílico a 95% assim como nas demais encadernações, a fim de estabelecer a higienização externa da obra. A partir daí, passamos para os procedimentos de estrutura.

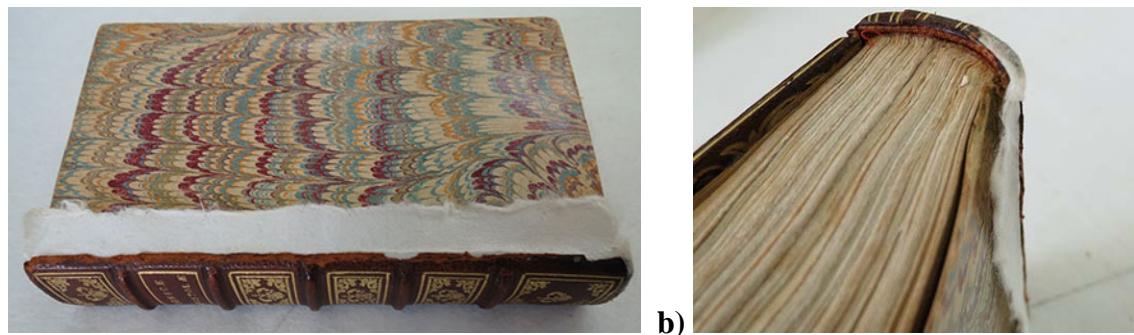
Como o dorso desta encadernação estava totalmente aberto, por se tratar de uma estrutura do séc. XIX, a colagem do material de consolidação foi facilitada, bastando apenas levantar o couro da pasta superior, para que conseguíssemos um espaço de 4 mm de delaminação do couro, local onde o papel japonês seria aderido.

Sendo assim, diferente da encadernação anterior, nós não fizemos o uso de uma carcuela de papel japonês que envolvesse todo o dorso, mas sim uma carcuela que foi aderida ao dorso e partiu diretamente para o encaixe interno das pastas da encadernação, convocando uma vez mais o emprego de duas técnicas distintas, pois este procedimento usa o método de preparação do dorso da técnica *joint tacketing* de Espinosa e também a metodologia de Don Etherington, ao consolidar charneiras internas e externas.

Utilizando papel Kozo 17 gramas e cola de amido 3:1 em água deionizada, a tira de papel japonês previamente cortada de acordo com as dimensões do dorso e do espaço contido nas

pastas é aderida à parte interior do falso lombo, elemento estruturante do modelo técnico do séc. XIX. O encaixe desta encadernação é extremamente estreito, e como o dorso, apesar de não ser aderido, se mostrava bastante estabilizado no local de fixação, não foi necessário o emprego de um suflê ou qualquer outro tipo de estrutura, que, naturalmente, incidiria no aumento de volume entre o dorso e seu encaixe.

Figura 79: Consolidação de dorso e charneira



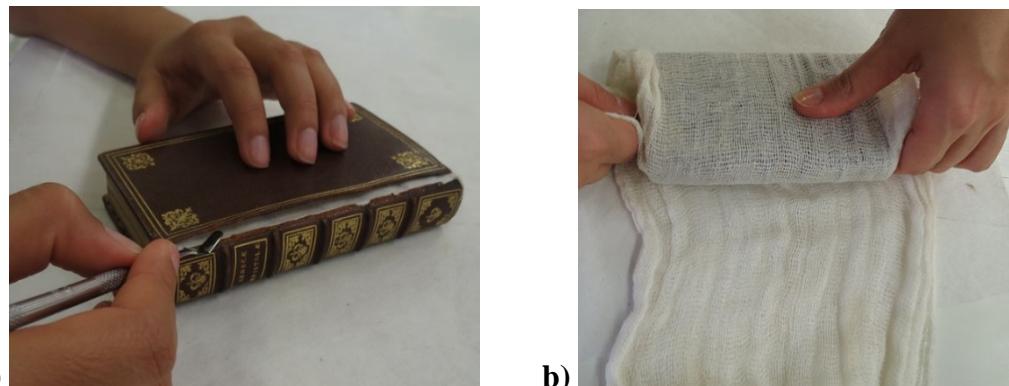
Legenda: a) colagem do papel japonês sobre o dorso da encadernação; b) detalhe da dobra de coifa no processo de reposição de pasta.

Fonte: Acervo da autora (2017).

A passagem do papel japonês para a pasta superior foi realizada após a umidificação com cola de amido (3:1 Lineco), tanto da região delaminada da encadernação, como da própria tira de papel japonês. A passagem da carcuela para as pastas superiores foi um processo delicado e minucioso, no qual o emprego de um papel japonês de maior gramatura faz toda a diferença.

O processo de secagem desse procedimento foi realizado com a ajuda de uma atadura, que ao exercer tensão nos campos laterais da encadernação e na parte arredondada do dorso favorece a colagem do material de consolidação (FIG. 80).

Figura 80: Procedimentos finais

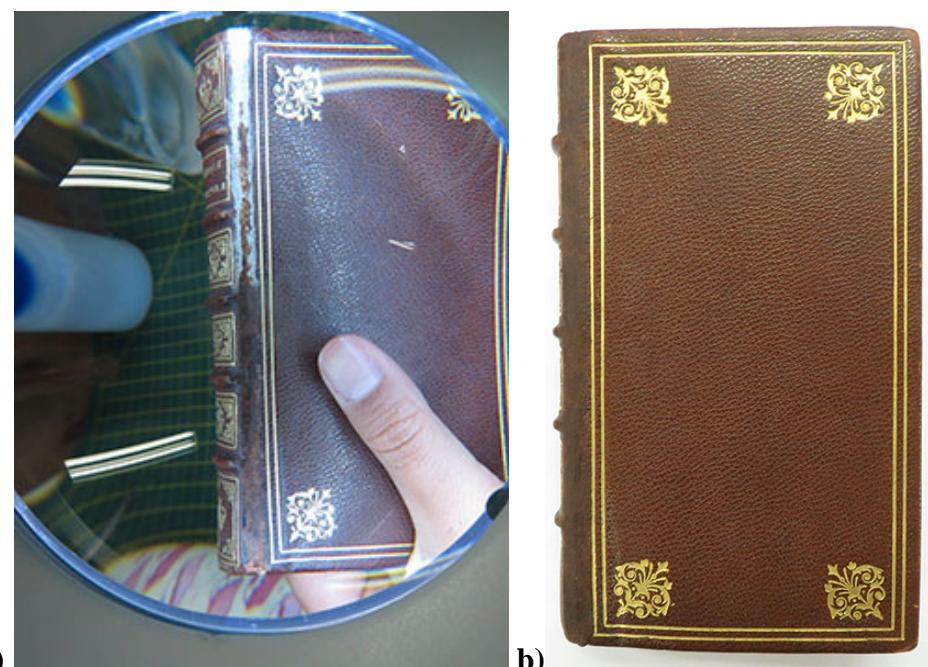


Legenda: a) passagem da carcuela para as pastas da encadernação; b) processo de secagem com o livro preso por uma atadura.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Após a secagem desse procedimento, foram coladas carcelas de papel japonês de 10 gramas sobre a charneira, pois assim como na encadernação anterior, visamos consolidar a parte externa e nivelar as eventuais irregularidades apresentadas pela ruptura do couro. Assim, foram acrescentadas duas carcelas de papel japonês externas e duas internas, todas na largura de 3 mm, para não ficarem aparentes. Optamos por incluir a carcuela de papel japonês à charneira inferior porque o processo de degradação do couro já havia começado indicando o rompimento completo em um futuro próximo. Como se pode observar, a região das coifas, que apresentavam áreas faltantes, também foi complementada com papel japonês 17 gramas.

Figura 81: Processo de finalização do livro



Legenda: a) realização de reintegração cromática; b) livro finalizado.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Após estes procedimentos a encadernação foi reintegrada com a tinta acrílica Winsor & Newton nas cores: terra siena, amarelo winsor e vermelho de cádmio em conjunto com a Methylcelulose (FIG. 81a), responsável por fornecer brilho acetinado à tinta, camuflando-a ao couro.

7.3 HENRY LE GRAND

Assim como nos exemplares anteriores, o tratamento da obra teve início com higienização interna e externa com trincha e pó de borracha nos cortes da encadernação, e, em seguida, foi realizada a limpeza do couro com o auxílio de um *swob* e Álcool Etílico 95%.

Figura 82: Procedimentos de higienização do couro.

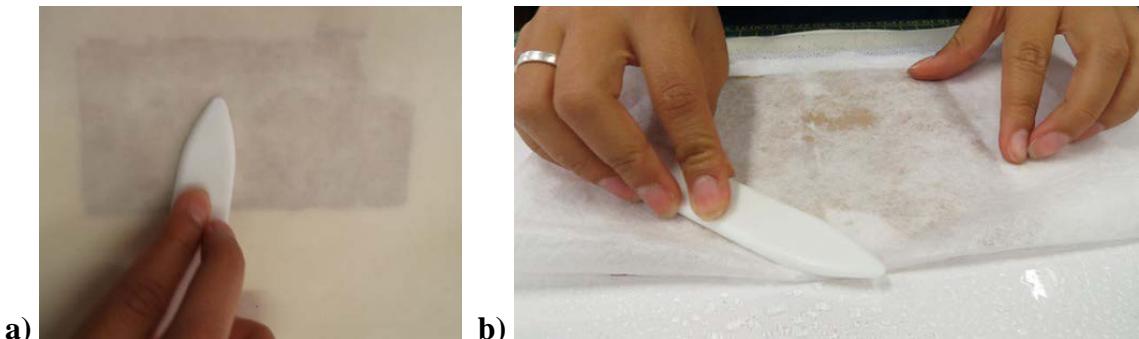


Fonte: Acervo da autora (2017).

Esta encadernação apresentava degradações desafiadoras em comparação às demais, ao abrir o livro, era evidente o rompimento completo das charneiras, e diferente das outras, o seu couro é fino, impossibilitando o descolamento parcial das zonas de contato com a charneira, e seu dorso aderido, tornando impossível a utilização da metodologia até então empregada, que mescla técnicas de *board reattachment*, como a de Don Etherington e o preparo do papel japonês sobre o dorso que convoca a técnica *board slotting*, técnicas utilizadas em obras que permitem maior maleabilidade do dorso.

Além disso, esse exemplar possuía algumas das folhas de guarda inferiores em péssimo estado de conservação (rasgos generalizados, perdas de suporte), tornando necessária a intervenção imediata. Sendo assim, a primeira intervenção de fato na obra foi realizada a partir de suas folhas de guarda inferiores, visto que, um fólio estava completamente solto e rasgado e o outro estava em processo de rompimento. A ação primeira foi pautada na remoção de manchas d'água do fólio solto da encadernação, como não haviam inscrições em sua superfície, e o papel não se encontrava quebradiço, a técnica de tamponamento foi utilizada. Ao iniciar o processo de retirada da mancha do fólio que estava quase se soltando do livro, este se soltou da encadernação, sendo assim o procedimento de tamponamento acabou sendo realizado com os dois fólios juntos, e fora do corpo da obra.

Figura 83: Tamponamento

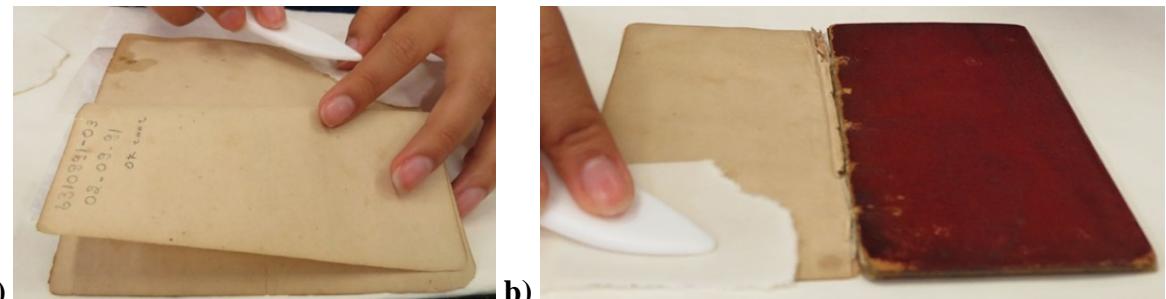


Legenda: a) realização de tamponamento no fólio; b) retirada de excesso de água em ambos os fólios manchados.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Outras regiões do livro apresentavam manchas d'água, e em resposta a esta degradação foi iniciado um processo de tamponamentos pontuais, no qual o fólio manchado era separado do restante do livro com o auxílio de folha de acetato e um papel mata-borrão umidificado.

Figura 84: Tamponamento pontual



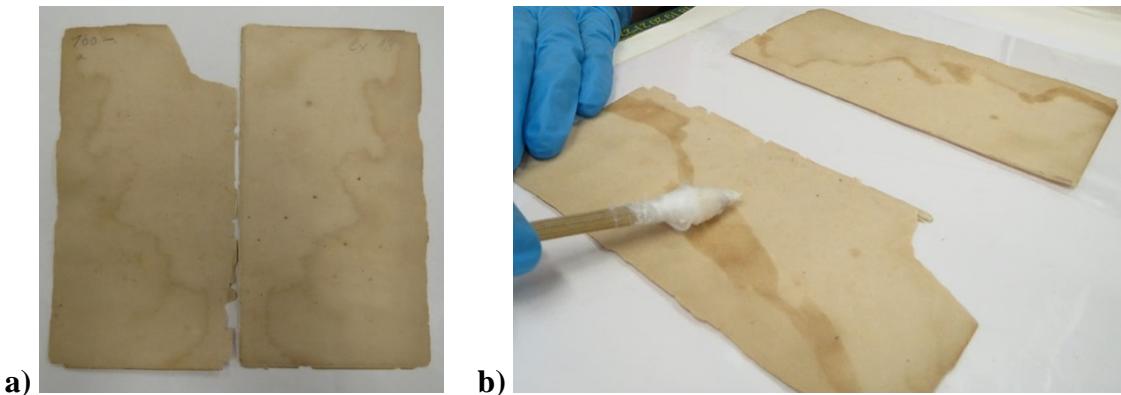
Legenda: a) tamponamento pontual para os primeiros fólios do caderno; b) tamponamento pontual nas folhas de guarda superiores.

Fonte: Acervo da autora (2017).

As manchas d'água mais proeminentes estavam nas folhas de guarda inferiores, e mesmo realizando o tamponamento, as manchas continuaram persistindo. Visto que não seria possível retirá-la completamente com tamponamento, foi realizado um teste com NH_4OH a 1%⁸⁵, e somente assim a mancha d'água recuou, não totalmente, mas houve grande melhora.

⁸⁵ O hidróxido de sódio utilizado em baixa concentração é eficaz na remoção de manchas d'água, pode ser utilizado com água quente ou fria. (VELOSO, 2014).

Figura 85: Aplicação de NH₄OH

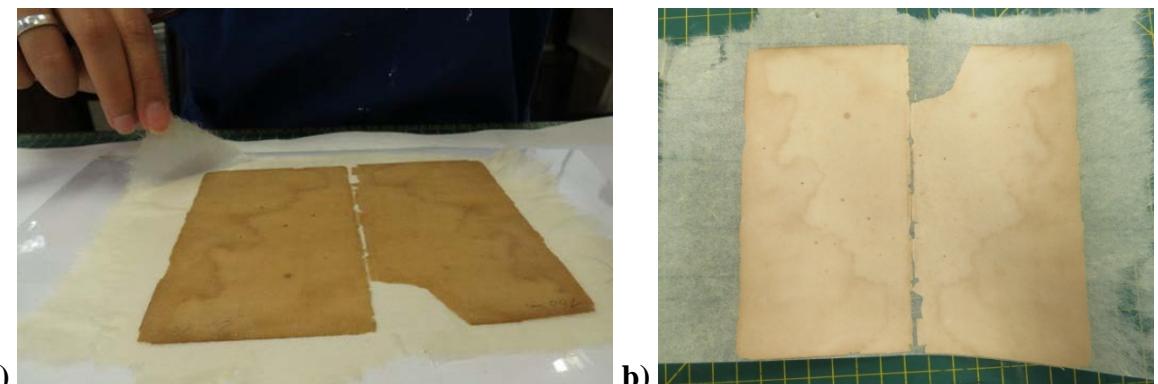


Legenda: a) fólios antes da aplicação de NH₄OH; b) fólios durante a aplicação de NH₄OH.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Em seguida às tentativas de remoção das manchas, foi realizada uma velatura direta nas folhas de guarda, trazendo novamente unidade aos bifólios, o papel japonês utilizado foi Kozo 17gramas e o adesivo, amido puro 3:1 Lineco.

Figura 86: Velatura

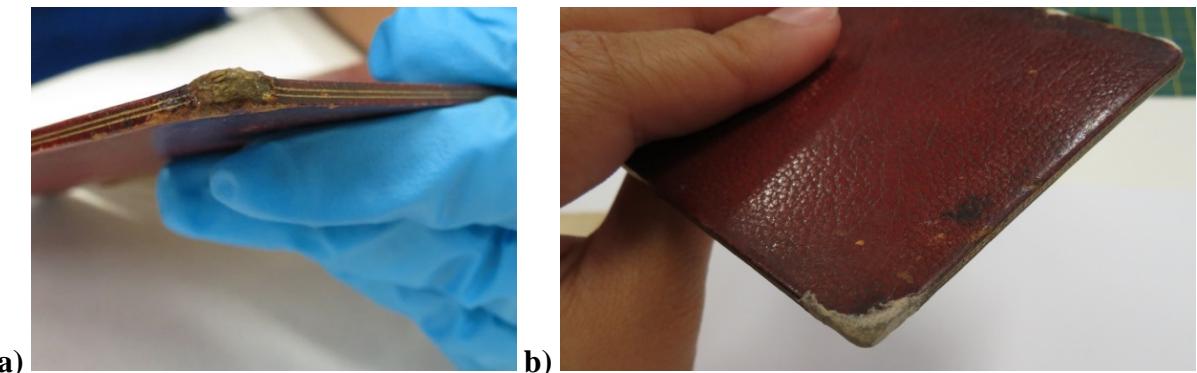


Legenda: a) processo de realização da velatura; b) velatura finalizada.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Após estes procedimentos relativos ao corpo da obra, foram realizadas as consolidações de canto das encadernações. Como explicitado anteriormente, basta observar se o canto da encadernação já está delaminando, e se estiver deve-se depositar adesivo na região com uma espátula a fim de consolidá-la e posteriormente acrescentar o papel japonês para a consolidação final da matéria dos cantos.

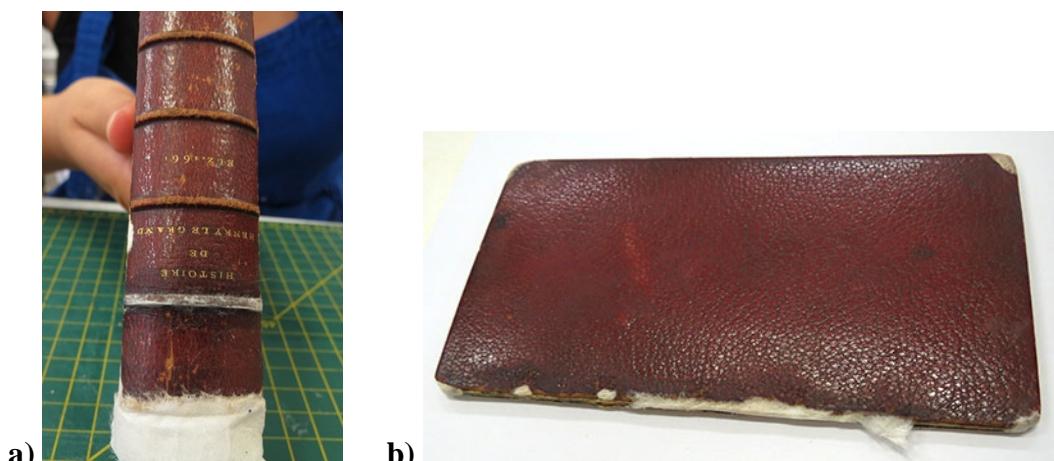
Figura 87: Consolidação de cantos



Legenda: a) canto delaminado com adesivo de amido 3:1; b) canto consolidado com papel japonês
Fonte: Acervo da autora (2017).

Após as consolidações de canto das pastas, foram realizadas consolidações dos nervos, das áreas internas das pastas e das coifas, intervenções importantes para o reestabelecimento de regiões já bastante fragilizadas e que favorecerem, com o nivelamento, uma visualidade mais harmoniosa, complementada com a reintegração cromática.

Figura 88: Consolidação de áreas delaminadas



Legenda: a) consolidação dos nervos; b) consolidação dos cantos da encadernação.
Fonte: Acervo da autora (2017).

O bifólio no qual foi realizada a velatura, foi dobrado ao meio, e ao encaixá-lo no corpo da obra foi possível observar que a velatura não havia influenciado em nada o volume e o espaço das seixas. Desta maneira, a folha de guarda foi colada com um pequeno fio de amido ao longo do fundo de caderno, aderindo-a à área de encaixe da encadernação.

Figura 89: Bifólio colado na área de encaixe da encadernação.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Após vincular as folhas de guarda à obra, restaram os elementos externos relativos às charneiras propriamente ditas. Depois de consolidar as coifas e os nervos, foi realizado um teste com dois tipos diferentes de papel japonês, do lado esquerdo um papel japonês com gramatura 17 e do lado direito um teste com papel japonês de gramatura 10.

A pós a secagem de ambos os papéis optamos pela realização do procedimento com o de menor gramatura, pois a força exercida pelo papel japonês já seria suficiente para suportar a tensão de uma abertura de livro bastante pequena.

Figura 90: Teste com papel japonês, do lado direto papel de 10 gramas e do esquerdo, papel de 17 gramas.

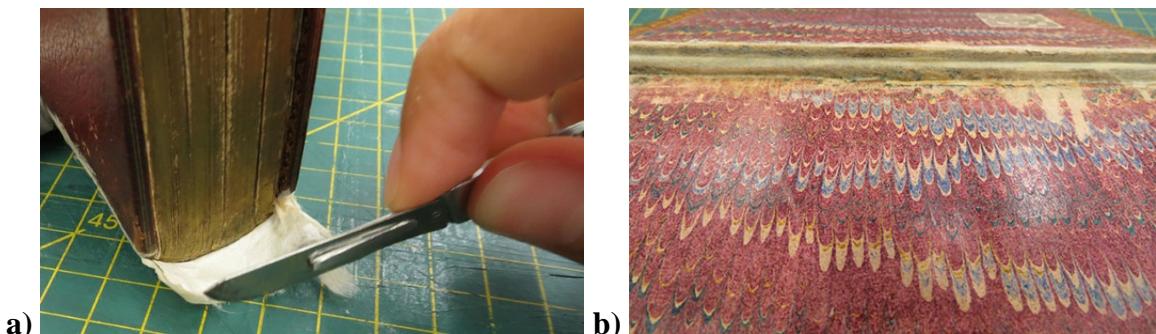


Fonte: Acervo da autora (2017).

As charneiras foram então consolidadas pela metodologia de Don Etherington, comprovando sua eficácia na mínima intervenção e na certeza da força exercida por papeis japoneses sobre a charneira. Após a consolidação externa das charneiras, foram coladas carcelas com papel japonês Kozo 10 gramas, internamente nas áreas de charneira, com espessuras de 4 mm.

Em seguida o papel de consolidação das coifas foi desbastado e colado para a realização de uma dobra que tomaria o lugar de coifa da encadernação, áreas totalmente faltantes.

Figura 91: Consolidações com papel japonês



Legenda: a) desgaste do papel japonês para a realização da coifa; b) carcera de papel japonês interna.

Fonte: Acervo da autora (2017).

O processo final é realizado com a reintegração cromática utilizando Methylcelulose e a tinta acrílica Winsor & Newton nas cores: vermelho cadmio, azul e terra siena. Primeiramente a mistura foi realizada extremamente diluída, e depois a concentração de tinta foi aumentando gradualmente para em cobrir as áreas de reintegração com igualdade (FIG. 92).

Figura 92: Resultado da reintegração cromática.



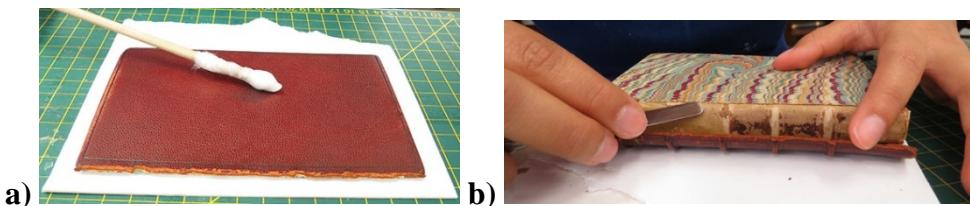
Fonte: Acervo da autora (2017).

7.4 CICERO

Assim como a encadernação de Sêneca, esse volume também é caracterizado como um modelo estrutural do séc. XIX.

Iniciamos o processo com as mesmas técnicas de higienização assinaladas nos demais exemplares.

Figura 93: Limpeza do couro e dorso



Legenda: a) processo de limpeza do couro com álcool etílico 95%; b) limpeza do dorso.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Para além dos procedimentos relativos à tridimensionalidade do livro, os estados de conservação de alguns fólios, que apresentavam manchas d'água, também demandaram tratamentos pontuais. O trabalho de remoção de manchas se deu a partir de um tamponamento pontual, com o auxílio de um acetato de proteção e papel mata-borrão umidificado.

Figura 94: Remoção de manchas nas guardas do livro

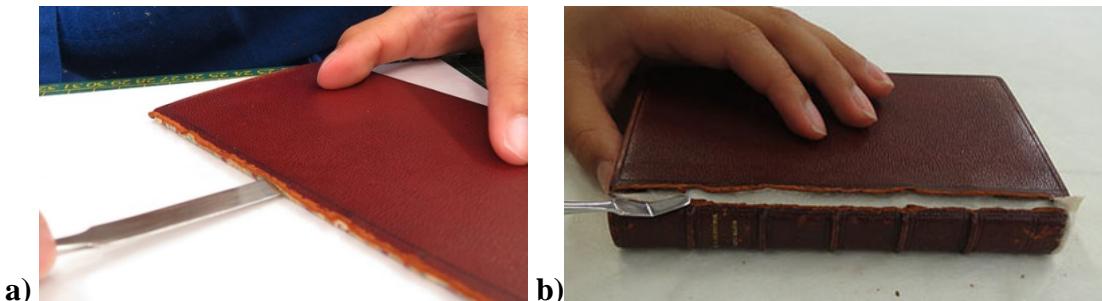


Fonte: Acervo da autora (2017).

Quanto aos procedimentos relativos à encadernação propriamente dita, como este livro estava apenas com uma das charneiras completamente rompida, optamos por, em um primeiro momento realizar a mesma metodologia utilizada no livro Sêneca. Fazer uma consolidação do dorso com papel japonês, e abrigá-lo na área delaminada do couro na borda da pasta superior. Contudo, como neste caso o falso dorso não se encontrava fixado no posicionamento original, diferente da encadernação do livro Sêneca, para promover a união das pastas e do doso ao corpo da obra, união que já não era garantida pelos cordões de sustentação, optamos pela integração de um suflê, que além de promover a união do dorso, e consequentemente das pastas, ao corpo da obra, distribui a tensão exercida no momento de abertura do livro.

Primeiro foi realizada a laminação da pasta com uma espátula (FIG. 95), para abertura de espaço e colagem do papel japonês.

Figura 95: Delaminação do couro das pastas para adentrar o papel japonês



Legenda: a) delaminação do couro; b) aderindo o papel japonês às pastas.

Fonte: Acervo da autora (2017).

A partir daí o papel japonês foi colado na parte interior do falso-dorso da encadernação e abrigada à pasta superior do livro. Para a secagem o livro foi envolto por uma atadura, como descrito anteriormente (FIG. 96).

Figura 96: Livro pronto para secagem



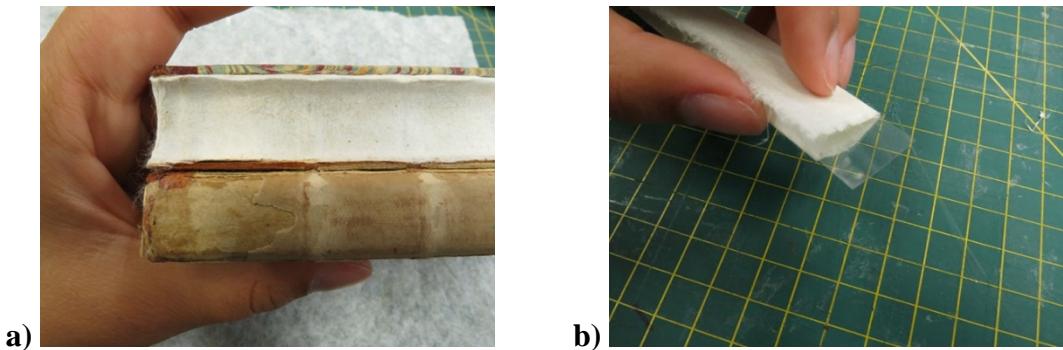
Fonte: Acervo da autora (2017).

Após a primeira união do falso-dorso às pastas, aplicamos o suflê, realizado, também em papel japonês e aderido duplamente no dorso e no falso-dorso.

A fim de finalizar o procedimento estrutural da encadernação, o suflê foi montado e colado, para posteriormente ser aderido ao dorso do livro. No entanto, ao trabalhar novamente na encadernação observamos que a charneira inferior estava em processo de rompimento avançado, por isso foi necessário que o couro da pasta inferior fosse, também, descolado nas

bordas das pastas para que, a partir daí, outro papel japonês fosse aderido àquela região do livro.

Figura 97: Desprendimento de charneira e preparo do suflê



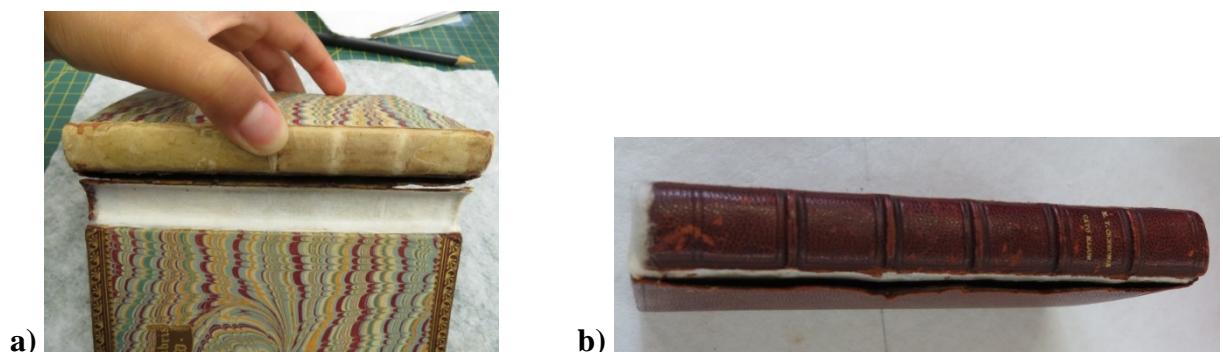
Legenda: a) charneira inferior rompida; b) suflê montado para posterior colagem no dorso.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Assim, ambas as charneiras foram consolidadas com papel japonês Kozo 17g, e após aderir o papel japonês à pasta inferior, o volume foi novamente envolto por uma atadura, durante o processo de secagem.

O volume foi aberto após a secagem para a colagem do suflê no dorso da obra, e novamente foi envolto pela atadura, desta vez, com um acetato interno, para impedir a colagem das áreas internas do suflê.

Figura 98: Áreas de couro delaminadas



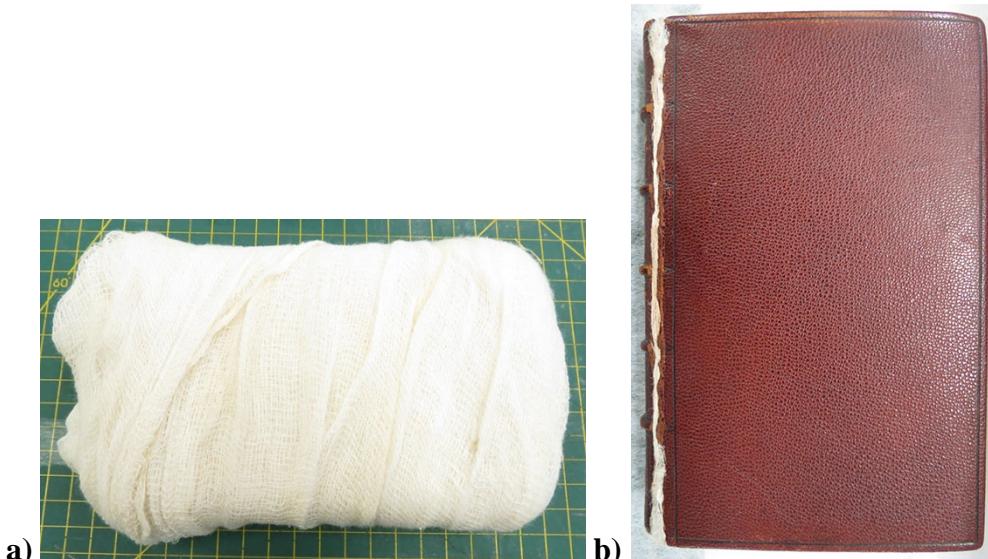
Legenda: a) couro da charneira inferior delaminado; b) área de charneira inferior rompida

Fonte: Acervo da autora (2017).

Assim, após o tratamento de charneiras de ambos os lados, os desníveis ficaram, como se esperava, ressaltadas, solicitando um tratamento de nivelamento e consolidação realizado com quatro carcelas finas, duas internas (uma na pasta superior e outra na pasta inferior) e duas

externas, para garantir a solidez da área de articulação e a superfície mais lisa necessária para a reintegração cromática (FIG. 100), mais uma vez convocando a técnica de Don Etherington.

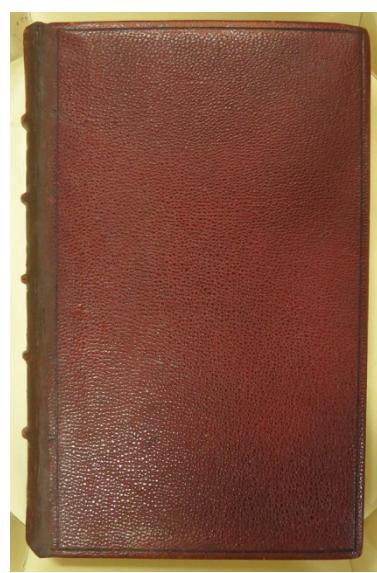
Figura 99: Finalização do livro



Legenda: a) livro com a charneira colada nova mente e enrolado na atadura para secagem; b) livro com charneira consolidada.

Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 100: Livro finalizado



Fonte: Acervo da autora (2017).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou por meio de uma breve contextualização histórica trazer a trajetória dos célebres editores Elzevir, bem como as características de suas edições e a maneira como estas se relacionam historicamente com o modelo de sociedade letrada e nobre presente no século XVII.

A partir do contexto histórico das edições Elzevir, foi possível revelar as circunstâncias nas quais os livros presentes neste trabalho foram idealizados e elencar sua importância histórico-bibliológica por meio do projeto textual-gráfico-visual elzeviriano. A apresentação dos exemplares detalha seus elementos bibliográficos e materiais vinculando-os à tipologia de degradação mais amplamente presente, o rompimento das charneiras.

Como explicitado no trabalho, as charneiras de um livro integram sua mecânica de base, sendo responsáveis pela maleabilidade de abertura da encadernação, e seu rompimento pode desencadear numa série de outras degradações mais profundas, incidindo, inclusive, no corpo da obra.

Sendo assim, se fez necessária uma revisão bibliográfica dos tratamentos vigentes em casos de charneiras rompidas, a fim de enumerar estes procedimentos e formalizar seu emprego em meio a uma discussão teórico-bibliológica. Foi possível entender que embora haja um número considerável de técnicas específicas para reestabelecer a função das charneiras nas encadernações, muitas delas podem ser combinadas com outros procedimentos ou até mesmo ser realizadas apenas em parte, sem a necessidade de se executar o procedimento por completo, desde que se conheça plenamente o modelo estrutural que está sendo tratado.

O emprego das diversas técnicas de intervenção e a escolha dos materiais empregados nestes procedimentos devem ser pautados, sobretudo, a partir da compatibilidade entre a materialidade e mecânica dos livros. A partir desta premissa o processo de intervenção nas obras foi realizado procurando respeitar a sua materialidade e mecânica por meio de uma intervenção mínima, que buscou estabelecer a função de base dos elementos materiais dos livros.

É importante ressaltar que por ser um elemento que sofre diretamente com a tensão de abertura dos livros, as charneiras podem ser rompidas com facilidade, e, embora o armazenamento e o acondicionamento adequado dos livros encadernados sejam de extrema

importância, não necessariamente são o único fator que contribui para essa degradação. Por essa razão, a quantidade de livros com essa tipologia de degradação só faz crescer nos acervos bibliográficos patrimoniais, sendo assim, este trabalho responde a uma demanda prática e teórica no tratamento de acervos bibliográficos.

Por meio das intervenções práticas foi possível observar que a necessidade individual no tratamento das encadernações foi atendida, no entanto, de modo geral, tornou-se possível afirmar que em casos de encadernações de pequenos formatos com charneiras completamente rompidas, a metodologia do papel japonês de Don Etherington além de ser suficiente para a tipologia de degradação, permite o emprego de uma reintegração cromática sobre o papel japonês capaz de camuflar a intervenção, trazendo harmonia e naturalidade ao livro.

Ao término do trabalho de restauração os livros serão entregues à coordenadoria da Divisão de Coleções Especiais em “caixas cruz” realizadas com papel Filifold a fim de proteger sua encadernação recém-restaurada.

De fato, o corpus teórico sobre o tratamento de encadernações é muito restrito e acreditamos que esse trabalho tem o mérito de sistematizar a discussão estabelecida em torno de uma tipologia de tratamento essencial para os acervos bibliográficos, oferecendo, também, algumas alternativas de intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Priscilla; PUGLIA, Alan; REIDEL, Sarah. **Board Reattachment**. American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works: AIC Wiki, 2017. Disponível em: <http://www.conservation-wiki.com/wiki/Board_Reattachment#Treatment_Context>. Acesso em: 07 nov. 2017.

ANTOINE-AUGUST Renouard. In: **WIKIPÉDIA**, l'encyclopédie libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Antoine-Augustin_Renouard>. Acesso em: 05 nov. 2017.

ARAÚJO, Ana Rita. Tesouros de papel: UFMG recebe recursos para conservação preventiva de obras raras. **Boletim UFMG**, v. 32, n. 1550, 2 out. 2006. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1550/quarta.shtml>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. A Biblioteca do Mestre: Coleção Arduíno Bolívar. **Cadernos de História**, v. 14, n. 20, p. 81-97, 1º sem. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2013v14n20p81>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BARRIOS, Pamela. A Stitch in Time: Repairing the Original Sewing Structure on Bound Materials. **The Book and Paper Group ANNUAL**, v. 23, 2004. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v23/bp23-09.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

BEADLE. In: **WIKIPEDIA**, The Free Encyclopedia. 2017. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Beadle&oldid=798901656>>. Acesso em: 14 set. 2017.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. **Reliure de Heures présentées à Madame la Dauphine**. Paris: Gallica, 2017a. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7300204z/f1.image>> Acesso em: 23 nov. 2017.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE DE FRANCE. **Reliure Xenophontis Omnia quae extant opera**. Paris: Gallica, 2017b. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55006013h/f1.image>> Acesso em: 23 nov. 2017.

BOARD SLOTTING TUTORIAL. **Board Slotting**: tips, techniques and resources, Nova Iorque, 2011. Disponível em: <<https://boardslotting.wordpress.com/tag/book-conservation/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

BROCK, David. Board Reattachment. **Abbey Newsletter**, v. 24, n. 6, 2001. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/byorg/abbey/an/an24/an24-6/an24-606.html>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

CAMILLE SOURGET LIBRAIRIE. La version définitive des Essais de Montaigne donnée par Marie de Gournay. Paris: Librairie Camile Sourget, 2017. Disponível em: <<https://camillesourget.com/8498-montaigne-michel-eyquem-de-les-essais-edition-nouvelle-prise--la-version-definitive-des-essais-.html>> Acesso em: 17 nov. 2017.

CARVALHO, Maria da Conceição; FERNADES, Cleide. Conservação de livros raros: relato de uma experiência pedagógica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362006000100008>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

CERVERA, César. Luis de Requesens, el general catalán que dio hasta su última gota de sangre al Imperio español. **Diário ABC Espanha**, História, 04 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.abc.es/espana/20150104/abci-luis-requesen-general-catalan-201412301813.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

CHATELAIN, Jean-Marc. La politesse des livres. In: CHATELAIN, Jean-Marc. **La bibliothèque de l'honnête homme**: livres, lecture et collections em France à l'âge classique. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2003. p. 105-160. (Collection Conférences Léopold Delisle).

CÍCERO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=C%C3%ADcero&oldid=50345976>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

CLARKSON, Christopher. Board Slotting: una nuova técnica per il recupero dei piatti. **CAB Newsletter**: Conservazione negli archivi e nelle biblioteche, n. 5, p. 1-4, mar. 1993. Disponível em: <http://biblio.iccrom.org/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=62483&shelfbrowse_itemnumber=62580#shelfbrowser>. Acesso em: 07 nov. 2017.

CONN, Donia. Board reattachment for circulating collections: a feasibility study. **The Book and Paper Group ANNUAL**, v. 15, 1996. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v15/bp15-05.html#fn1>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

DAVIES, David W. **The world of the Elseviers 1580-1712**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1954. 167p.

DEVAUCHELLE, Roger. **La reliure**: recherches historiques, techniques et biographiques sur la reliure française. Paris: Filigranes, 1995. 317p.

DIÁCONO. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Di%C3%A1cono&oldid=49267878>>. Acesso em: 14 set. 2017.

DON ETHERINGTON. Don Etherington fine binding and design. **D&M**, Estados Unidos da América, 2017. Disponível em: <<http://www.donetheringtonfinebinding.com/contact.html>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

ELDRIGDE, Betsy Palmer. Carolyn Price Horton 1909-2001. **Abbey Newsletter**, v. 25, n.5, 2002. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/byorg/abbey/an/an25/an25-5/an25-505.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

ESPINOSA, Robert; BARRIOS, Pamela. Joint Tacketing: A Method of Board Reattachment. **The Book and Paper Group ANNUAL**, v. 10, 1991. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v10/bp10-08.html>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

ETHERINGTON, D. Japanese Paper Hinge Repair for Loose Boards on Leather Books. **Abbey Newsletter**, v. 19, n. 3, p. 48-49, 1995. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/byorg/abbey/an/an19/an19-3/an19-305.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

FERNANDES, Carlos. Biografia Guilherme I, príncipe de Orange e conde de Nassau. **Só Biografias**, Campina Grande, 2017. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/GuilTaci.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

HARTEVELD RARE BOOKS Ltda. Catalogue 231: books and graphics. In: INTERNACIONAL ANTIQUARIAN BOOK FAIR, 24., Zurich, 2012. **Catalogue. Zurich**: ILAB, 2012. Disponível em: <http://www.harteveld.ch/harteveld_cat231.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2017.

HOUSE OF ELZEVIR. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=House_of_Elzevir&oldid=778838045>. Acesso em: 1 nov. 2017.

IBOOKBINDING. Free bookbinding tutorials & resources. Wordpress, 2017. Disponível em: <<https://www.ibookbinding.com/blog/attaching-the-mull-creating-and-fixing-the-boards/>>. Acesso em: 13 de nov. 2017.

ICRI CONSERVATION. Conservation life time award. **ICRI Copyright**. Dublin, 2017. Disponível em: <<https://www.icriconservation.ie/about-us/conservation-lifetime-award>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

MCKENZIE, D. F. **The Cambridge University press 1696-1712**: a bibliographical study. Cambridge: Cambridge Univesity Press, 1966

MERREL, Freya. The little red book that could: a conservation approach to detached leather tightback boards. **Nacional Library of Australia**, Austrália, 2016. Disponível em: <<https://www.nla.gov.au/blogs/preservation/2016/12/19/the-little-red-book-that-could>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

METZGER, Consuela et al. Board Reattachment Discussion. **The Book and Paper Group ANNUAL**, v. 20, 2001. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v20/bp20-16.pdf>>. Acesso em: 08 de nov. 2017.

MINISTERIO DEI BENI E DELLE ATTIVITÀ CULTURALI E DEL TURISMO. **Biografia Aldo Manúcio**. Veneto, 2017. Disponível em: <http://www.beniculturali.it/mibac/multimedia/MiBAC/documents/1454946421864_06_Biografia_Aldo_Manuzio.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

OXFORD DICTIONARIES. **Belles lettres**. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/belles-lettres>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

PAUL PHILIPPE Hardouin de Beaumont de Péréfixe. In: **WIKIPÉDIA**, l'encyclopédie libre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Hardouin_de_P%C3%A9r%C3%A9fixe_de_Beaumont>. Acesso em: 05 nov. 2017.

PICKWOAD, Nicholas. Christopher Clarkson Obituary. **The Guardian**, Londres, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/apr/19/christopher-clarkson-obituary>> Acesso em: 9 dez. 2017.

PIERRE CHARRON. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pierre_Charron&oldid=40048987>. Acesso em: 13 set. 2017.

RADKE, James. A history of Antwerp's Plantin Moretus museum. Dec. 2016. In: NAUDTS, Kris. **The Culture Trip Site**, London, 2017. Disponível em: <<https://theculturetrip.com/europe/belgium/articles/a-lasting-impression-antwerp-s-plantin-moretus-museum/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

REBACK. American Institute for Conservation. **Wiki: a collaborative knowledge resource**, 2015. Disponível em: <<http://www.conservation-wiki.com/wiki/Reback>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

RIFFAUD, Alain. **Une arquéologie du livre français moderne**. Genève: Librairie Droz. 2011. 325p.

SANCHÉZ-PEDREÑO, José María Ortúñoz. El temido duque de Alba. **La Crónica del Pajarito**. Espanha, 2016. Disponível em: <<http://lacronicadelpajarito.com/domingo/temido-duque-alba>>. Acesso em: 14 set. 2017.

SÉNECA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%A9neca&oldid=50541576>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara. **Reconhecimento de materiais que compõem acervos**. Belo Horizonte: EBA-LACICOR, 2008. (Tópicos em conservação preventiva, n. 4). Disponível em: <<http://www.lacicor.org/demu/pdf/caderno4.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

SOUZA, William Eduardo Righini de Souza; CRIPPA, Giulia. A materialidade do livro de bolso e a expansão do público leitor entre os séculos XV e XIX. **Intexto**, n. 27, p. 84-101, dez. 2012. Disponível em: <seer.ufrgs.br/intexto/article/download/33465/2348>. Acesso em: 16 jul. 2017.

STANFORD NEWS. Conservation Lab. **Stanford University**. Califórnia, 2017. Disponível em: <<https://news.stanford.edu/features/2015/conservationlab/>> Acesso em: 9 dez. 2017.

TERRA, Ana Carina Utsch. El Don Quijote francés: edición, ilustración y encuadernación entre materialidad y textualidad (1832-1878). In: GARONE, Marina; MENCHERO, Mauricio Sánchez; KÖPPEN, Elke. (Org.). **Imagen y cultura impresa: perspectivas bibliológicas**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2016. p. 53-73.

TERRA, Ana Carina Utsch. **Restauração de Livros e Documentos**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes UFMG, 2014. Notas de aula.

TRAISTER, Daniel. **Elsevier Republics**. Bethesda: Academic, 1988. 62p. Disponível em: <http://cisupa.proquest.com/ksc_assets/catalog/10997_ElsevierRepublics.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2017.

UFMG DIVERSA. Fontes de informação: conhecimento em rede. **Diversa - Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, n. 7, v. 3, jul. 2005. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/diversa/7/fontes.htm>>. Acesso em: 17 out. 2017.

UNIÃO DE ATRECHT. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Uni%C3%A3o_de_Atrecht&oldid=45216139>. Acesso em: 28 nov. 2017.

VELOSO, Bethânia Reis. **Conservação de Papel II**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2014. Notas de aula.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. A primeira universidade católica do mundo. **Jornal da PUC Campinas**, v. 161, 28 mai. 2015. Disponível em: <<http://jornal.puc-campinas.edu.br/a-primeira-universidade-catolica-do-mundo/>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

WILLEMS, Alphonse. **Les Elzevier**: histoire et annales typographiques. Bruxelas: G. A. Van Tricht, 1880. 899p. Disponível em: <<https://archive.org/details/leselzevierhist00willgoog>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

ZIMMERN, Friedericke. Board Slotting: A Machine-Supported Book Conservation Method. **The Book and Paper Group ANNUAL**, v. 19, 2000. Disponível em: <<http://cool.conservation-us.org/coolaic/sg/bpg/annual/v19/bp19-25.html>>. Acesso em: 07 nov. 2017.